



MÓDULO

**AMAZÔNIA PARA ALÉM
DOS RIOS E FLORESTAS**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS**



ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

REALIZAÇÃO:



Uma
CONCERTAÇÃO
pela Amazônia

PARCERIA:



FICHA TÉCNICA

Em 2025, as unidades curriculares e os módulos do programa foram revisados e atualizados para atender às novas diretrizes estabelecidas pelas alterações legislativas da Política de Ensino Médio.

REALIZAÇÃO

INSTITUTO IUNGO

Presidente

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

Diretora de educação

ALCIELLE DOS SANTOS

Diretora de estratégia e implementação

JOANA RENNÓ

INSTITUTO REÚNA

Diretora-Executiva

KÁTIA STOCCO MOLE

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

Secretaria Executiva

FERNANDA RENNÓ

LÍVIA PAGOTTO

PARCERIA

BNDES

INSTITUTO ARAPYÁÚ

MOVIMENTO BEM MAIOR

PROGRAMA ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Idealização

FERNANDA RENNÓ (Uma Concertação pela Amazônia)

JOANA RENNÓ (Instituto Iungo)

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE (Instituto Iungo)

Coordenação geral

SAMUEL ANDRADE

Equipe pedagógica

CARLOS GOMES DE CASTRO (Coordenador de EPT)

CAROLINA MIRANDA

CYNTHIA SANCHES (Coordenadora - áreas do conhecimento)

REGINA TUNES (Coordenadora - áreas do conhecimento)

Coordenação de produção

THAMARA STRELEC

Coordenação Instituto Reúna

DANIEL CORDEIRO

Apoio à coordenação

CAMILLY LIMA

STEFANNY LOPES

VANESSA COSTA TRINDADE

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

Equipe

ALCIELLE DOS SANTOS

ANTONIO CARLOS OSCAR JÚNIOR

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CLÉA FERREIRA

CYNTHIA SANCHES

FABIANA CABRAL SILVA

FERNANDA RENNÓ

GRAZIELA SANTOS

IZADORA RIBEIRO PERKORKI

JEFFERSON SODRÉ MENESES

JOANA RENNÓ

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

KÁTIA STOCCO MOLE

LÉA CAMARGO

MARISA BALTHASAR

MICHELE BORGES

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

REGINA TUNES

RENATA ALENCAR

RENATA MONACO

SAMUEL ANDRADE

THAMARA STRELEC

Gestores, técnicos e educadores de redes de ensino

ALDEVÂNIA BARRETO DE MATOS - SEED RORAIMA

ALISSON THIAGO PEREIRA - SEDUC AMAZONAS

ANTONIO FONSECA DA CUNHA - SEDUC PARÁ

CARMEM LÚCIA SOUZA - SEDUC AMAZONAS

CLEIBERTON SOUZA - SEED AMAPÁ

DARLETE SOUZA DO NASCIMENTO - SEED RORAIMA

EDILMA DA SILVA RIBEIRO - SEED RORAIMA

STELLA DAMAS - SEED RORAIMA

IRENE PEREIRA - SEED RORAIMA

LUCIA REGINA ANDRADE - SEDUC AMAZONAS

MELINA TONINI - SEDUC RONDÔNIA

MONALISA SANTOS SILVA - SEDUC MARANHÃO

REGINA PEREIRA - SEDUC MARANHÃO

RICARDO SANTA CRUZ - SEED RORAIMA

SALOMÃO SOUZA ALENCAR - SEDUC AMAZONAS

SIMONE BATISTA - SEED RORAIMA

Jovens amazônicos

ALANA MANCHINERI | AMAPÁ

BRUNA LIMA - RIO BRANCO | ACRE

HANNAH BALIEIRO | RONDÔNIA

INGRID MARIA AVIZ DE ARAÚJO - ANANINDEUA | PARÁ

KARINA PENHA - SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | MARANHÃO

ODENILZE RAMOS - CARÃO, BAIXO RIO NEGRO | AMAZONAS

OREME IKPENG - XINGU | MATO GROSSO

PEDRO ALACE - AGROVILA ITAQUI, CASTANHAL | PARÁ

PI SURUÍ | ACRE

Especialistas em educação

ANA LUÍSA GONÇALVES

FERNANDA SAEME

NÁDIA CARDOSO

PAULO CUNHA

THIAGO HENRIQUE

Mobilização de jovens

RICARDO PENIDO

Mapeamento de tecnologias educacionais

PORVIR

Convidados do seminário de**aprofundamento temático**

DILSON GOMES NASCIMENTO - SEDUC AMAZONAS

MAICKSON SERRÃO - SEDUC AMAZONAS

TATIANA SCHOR

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Coordenadora de Comunicação

ANGELA MARIS DO NASCIMENTO

Produção de conteúdo - Comunicação

ANA CATARINA PARISI PINHEIRO
CAMILA SARAIVA GONÇALVES

Identidade visual e projeto gráfico

CLÁUDIO VALENTIN
DENIS LEROY
RENAN DA SILVA ARAÚJO

Assessoria para arquitetura da informação

PORVIR

Plataforma digital

PORVIR (Produção executiva)
SINTRÓPIKA (Design e desenvolvimento)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Coordenação

PABLO DE OLIVEIRA DE MATTOS

Concepção e redação

ANDRÉ SEKKEL CERQUEIRA
CAROLINE BÁRBARA
KATRINE KATIUSSE DE ANDRADE
SYNTIA ALVES

Leitura crítica

REGINA TUNES
JOSILDO SEVERINO DE OLIVEIRA - SEDUC AMAZONAS
CLAUDEMES VIEIRA SOUSA - SEED RORAIMA
GUARACI ASSIS PASTANA - SEED AMAPÁ
LUZINÉIA GUIMARÃES ALENCAR - SEDUC MATO GROSSO

Edição pedagógica

CAMILA TRIBESS
CAROLINA MIRANDA

Apoio à concepção - Jovens amazônicas

ELCIANE VALENTE DE MENESES DE ALMEIDA
MARTA RAYANE DA SILVA GOMES

Apoio à concepção - Técnicos e educadores de redes de ensino

EDILENE NASCIMENTO BARBOSA - SEED AMAPÁ
ITALO BRUNO PAIVA GONÇALVES - SEDUC TOCANTINS
MARTA CLEMENTINA SILVA DE MELO - SEED RORAIMA
SHEYLA REGINA JAFRA CORDEIRO - SEDUC AMAZONAS

Especialista temático

GEORGIA JORDÃO

Produção de infográfico

CAMILA TRIBESS

Edição de texto e revisão ortográfica

ANA ELISA FARIA DO AMARAL
DIOGO DA COSTA RUFATTO
JAQUELINE COUTO KANASHIRO
LUCAS TADEU DE OLIVEIRA
MARCIA GLENADEL GNANNI
MARIANE GENARO

Diagramação

NATÁLIA XAVIER
RENAN DA SILVA ARAÚJO
VICTOR SOARES
WELLINGTON TADEU

ATUALIZAÇÃO E REVISÃO | 2025

Equipe pedagógica

REGINA TUNES (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Projetos de Vida)
MARISA BALTHASAR (Coordenação pedagógica e Linguagens e suas Tecnologias)
LUCIANA TENUTA (Matemática e suas Tecnologias)
SHANA ALINE PERIN SITTA (Ciências da Natureza e suas Tecnologias)

Leitura crítica

MICHELE BORGES (Matemática e suas Tecnologias)

Apoio à gestão

EMMANUELLE DIAS

COMO CITAR: INSTITUTO IUNGO; INSTITUTO REÚNA; UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA. **Amazônia para além dos rios e florestas.** 2. ed. rev. atual. [S. l.]: Programa Itinerários Amazônicos, 2025. (Módulo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). Disponível em: <https://itinerariosamazonicos.org.br>.

POLÍTICA DE USO: Pessoas e instituições podem fazer o download e compartilhar este material, desde que atribuam créditos ao Instituto Iungo, ao Instituto Reúna e à rede Uma Concertação pela Amazônia. Educadores poderão citar trechos do material em conteúdo que produzirem para uso em contexto escolar e não comercial, desde que atribuídos os devidos créditos. O material não deve ser modificado, adaptado ou publicado sem autorização prévia.



SUMÁRIO

Módulo - Amazônia para além dos rios e florestas

Ementa do módulo	6
Infográfico	10
Etapa 1: Debatendo a ocupação territorial a partir do conhecimento tradicional e indígena	12
Etapa 2: Amazônia legal e suas rodovias	22
Etapa 3: Sinop e Medicilândia: entre a soja e o cacau	26
Etapa 4: Redes agroecológicas	30
Material do estudante	34
Referências	47



Amazônia para além dos rios e florestas

EMENTA DO MÓDULO

Carga horária



20 a 30 horas

Resumo

Neste módulo, os estudantes refletirão sobre os processos de ocupação histórica e a urbanização da Amazônia e a caracterização de algumas cidades importantes na hierarquia urbana da região. Os jovens terão a oportunidade de analisar as redes urbanas da região amazônica, seus atores e sua relação com o desmatamento nos últimos anos. Com base em dados e informações sobre o uso da terra, os estudantes investigarão e refletirão sobre situações-problema relacionadas ao avanço da fronteira agrícola na região e aspectos da agroecologia. Com especial atenção ao consumo de alimentos e à insegurança alimentar, os estudantes terão a oportunidade de apresentar infográficos que representem as redes de produção agroecológica da região amazônica. Dessa forma, espera-se que os estudantes tenham contato e desenvolvam atitudes cidadãs e sustentáveis.

Expectativas de aprendizagem

- Argumentar criticamente sobre o processo de ocupação territorial e urbanização da região amazônica, com base em conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, avaliando a participação e o impacto dos diversos atores da região amazônica, em especial das populações e das comunidades tradicionais e indígenas no combate aos desmatamentos.
- Compreender e problematizar a relação entre o uso da terra, no âmbito dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas, e o avanço da fronteira agrícola na região, a partir de situações-problema, avaliando saídas e soluções sustentáveis.
- Desenvolver um infográfico que sistematize aspectos sobre a rede de produção agroecológica da região com base em conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, selecionados intencionalmente, permitindo que os jovens se tornem agentes de informação e promoção de um consumo de alimentos sustentáveis.

Este módulo integra a unidade curricular “Desmatamentos e conservação na região Amazônica” do programa Itinerários Amazônicos. Para conhecer esta e as demais unidades curriculares, acesse www.itinerariosamazonicos.org.br.





Competências gerais da BNCC

CG 1, CG 2, CG 7 e CG 10

Competências comuns para os Itinerários Formativos de Aprofundamento - IFAs

1, 2, 5, 8 e 10

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS

Meio ambiente

EIXOS CURRICULARES ESTRUTURANTES

Método, conhecimento e ciência

Mundo do trabalho e transformação social

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Urbanização na região amazônica; desmatamentos; atores sociais da região amazônica; fronteira agrícola; agroecologia; consumo sustentável de alimentos.

HABILIDADES DA ÁREA DO CONHECIMENTO EM PERSPECTIVA DE APROFUNDAMENTO DA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA - FGB

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, os quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICOS DA ÁREA NOS IFAs

1. Aplicar métodos e procedimentos científicos das Ciências Humanas para investigar, analisar e interpretar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, articulando diferentes perspectivas e fontes, de modo a construir argumentos, para posicionar-se de forma ética, crítica e propositiva em relação às dinâmicas da sociedade.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS

ciologia, Amazônia Legal, fronteira agrícola), capacidade de articular ideias e processos (ocupação, colonização, desmatamentos e conservação da floresta etc.) poderão ser levados em consideração. Tendo em vista a comunicação dos resultados, algumas rubricas poderão ser criadas para a autoavaliação dos infográficos pelos próprios estudantes.





Com quais problemáticas o processo de ocupação territorial da Amazônia se relaciona?

Neste módulo, os estudantes analisam o processo histórico de ocupação e urbanização da Amazônia, considerando perspectivas dos povos tradicionais e indígenas. Também realizam estudos de caso sobre a formação urbana de algumas cidades e a construção de rodovias, com atenção aos impactos socioambientais desses projetos. Investigam, ainda, temas como avanço das fronteiras agrícolas, consumo de alimentos e redes de agroecologia.

**REDES
AGROECOLÓGICAS**

**FORMAÇÃO DE
FRONTEIRAS**

**A história
da ocupação
territorial
da Amazônia
envolve...**

**CONHECIMENTOS
INDÍGENAS E
TRADICIONAIS**

**MODELOS DE
DESENVOLVIMENTO**

E por quê?

REDES AGROECOLÓGICAS

Ampliam o debate sobre sistemas agrícolas ancestrais e sobre métodos e tecnologias sustentáveis de produção.

FORMAÇÃO DE FRONTEIRAS

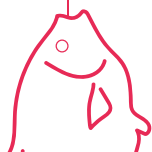
Evidencia a complexidade do processo de ocupação territorial, considerando aspectos políticos, econômicos, históricos e socioculturais.

**CONHECIMENTOS INDÍGENAS
E TRADICIONAIS**

Sublinham narrativas não hegemônicas sobre vivências em territórios amazônicos.

MODELOS DE DESENVOLVIMENTO

Permitem analisar criticamente a abertura de rodovias na Amazônia, a produção agropecuária e os impactos socioambientais.



Agora, qual o foco das etapas do módulo para organizar o percurso de aprendizagem?

1ª ETAPA

Processo de ocupação do território amazônico na perspectiva de povos e comunidades tradicionais e indígenas.

2ª ETAPA

Construção de rodovias na região amazônica, projetos de urbanização e impactos socioambientais.

3ª ETAPA

Estudo de caso, com comparação entre processos de urbanização; produção agrícola na região amazônica.

4ª ETAPA

Agroecologia e sistemas agrícolas ancestrais (indígenas, quilombolas etc.) e suas relações com a ocupação do território; insegurança alimentar na região amazônica.

Tudo isso caminha lado a lado com os eixos curriculares estruturantes

MÉTODO, CONHECIMENTO E CIÊNCIA

Levantamento de informações, análise de situações-problema e construção de argumentos sobre ocupação territorial, comparando fontes, pontos de vista e propondo soluções éticas para problemas reais.

MUNDO DO TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Elaboração de produto para divulgação de boas práticas agrícolas, considerando aspectos socioambientais e respeito aos direitos humanos e à democracia.

EM DIÁLOGO COM A Amazônia

O módulo aprofunda o contexto de formação das fronteiras amazônicas, levando em conta a atuação de povos tradicionais e indígenas da região. Também traz estudos de caso sobre a BR-163 e a Transamazônica, bem como pesquisas sobre o processo de urbanização das cidades de Sinop (MT) e Medicilândia (PA). Propicia, ainda, reflexões sobre formas sustentáveis de ocupação territorial e de produção de alimentos.



Navegar por este percurso contribui para que os estudantes

- Conheçam e analisem distintas perspectivas sobre o processo de ocupação territorial na Amazônia, especialmente a indígena.
- Problematizem as relações entre rodovias e usos produtivos da terra, considerando suas consequências.
- Compreendam as conexões entre urbanização e produção agropecuária.
- Identifiquem redes de agroecologia e avaliem formas de produção agrícola.



REALIZAÇÃO:



ETAPA 1: DEBATENDO A OCUPAÇÃO TERRITORIAL A PARTIR DO CONHECIMENTO TRADICIONAL E INDÍGENA

ACONTECE NA ETAPA

- Verbetes sobre aspectos do processo histórico de ocupação e urbanização da Amazônia, a partir de perspectivas e debates mobilizados por intelectuais dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Nesta etapa, os estudantes vão trabalhar com a questão da ocupação do território amazônico da perspectiva dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas. É muito comum haver a associação entre povoamento e ocupação do território amazônico com a chegada dos europeus ou com a posterior abertura de rodovias. Esse pensamento, entretanto, é equivocado. Muito antes dos europeus, milhares de anos antes de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral aportarem no que hoje chamamos de América ou de Brasil, o território já era ocupado por outras populações, as quais denominamos povos originários. Esses povos tiveram suas histórias e suas culturas apagadas dos relatos oficiais pelo processo de colonização europeia na Idade Moderna. Atualmente, há uma corrente de pesquisas que procura mapear, no âmbito acadêmico, a história, os costumes e as culturas desses povos. A partir da problemática da ocupação territorial, os estudantes são convidados a adotar uma outra perspectiva sobre esse tema, o que irá colocá-los em contato com uma nova lógica de compreensão: a do pensamento dos povos indígenas e das comunidades tradicionais. Nesse sentido, a habilidade de área EM13CHS201 é aprofundada no percurso.

Fique de olho

Este módulo dialoga com os módulos “Biodiversidade e produção de alimentos” e “Desenvolvimento da Amazônia e ações legais de conservação da biodiversidade”, da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Caso em sua escola esses módulos já tenham sido desenvolvidos junto aos estudantes ou estejam sendo trabalhados simultaneamente, converse com seus colegas docentes da área, a fim de estabelecer interações entre as práticas pedagógicas e as aprendizagens. Os dois módulos mencionados, ainda que independentes, integram a unidade curricular “Bioeconomia em contextos socioambientais amazônicos”. Você pode acessar a unidade completa em: www.itinerariosamazonicos.org.br.





PONTO DE PARTIDA

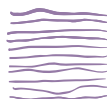
1. Inicie o percurso apresentando as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa e o módulo aos estudantes. O infográfico do módulo pode apoiar esse momento de mediação. Para começar a sensibilização da turma, é interessante organizar uma aula dialogada, em que algumas questões problematizadoras são colocadas para proporcionar debates com os estudantes: “O que vocês conhecem a respeito da existência de quilombos ou terras indígenas em sua região?”; “Vocês conhecem alguma narrativa de como e quando se constituíram esses espaços?”; “O que vocês conhecem a respeito da cultura dos povos tradicionais e indígenas?”; “Quais são, na opinião de vocês, os principais desafios contemporâneos desses povos?”. Considere este momento como uma oportunidade de realizar uma avaliação diagnóstica dos conhecimentos da Formação Geral Básica a respeito das representações sobre a colonização do território denominado Brasil, a ocupação do território amazônico ou sobre a relação dos povos indígenas e quilombolas com a natureza e com o território brasileiro.
2. Oriente os estudantes a elaborar anotações ou quadros-sínteses das discussões e dos debates, para que se tenha um registro do processo de aprendizagem. Informe-os, desde o início da etapa, sobre a produção do verbete que deverão fazer, de forma que possam organizar anotações e recursos, bem como serem apoiados a partir de sua presença pedagógica.

Diálogos amazônicos Povos indígenas e originários

Uma nova lei, aprovada em julho de 2022, a partir de uma proposta da ex-deputada federal Joenia Wapichana (Rede-RR), hoje presidente da Funai, denomina o 19 de abril como [Dia dos Povos Indígenas](#), em substituição ao Dia do Índio. Mas por que isso é importante? Segundo o escritor indígena, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos Daniel Munduruku, “a palavra ‘indígena’ diz muito mais a nosso respeito do que a palavra ‘índio’. Indígena quer dizer originário, aquele que está ali antes dos outros”, afirmou ao portal G1. De acordo com a professora e doutora em História Social pela USP Márcia Mura, para a mesma reportagem sobre o tema, a mudança é necessária para refletir as ideias e as lutas das diversas sociedades indígenas. “Índio é um termo genérico, que não considera as especificidades que existem entre os povos indígenas, como as especificidades linguísticas, culturais e mesmo a especificidade de tempo de contato com a sociedade não indígena”, explica. Indígena é uma palavra que significa “natural do lugar em que vive”. O termo exprime que cada povo, de onde quer que seja, é único. “O que o movimento indígena reivindica é que esse termo [*índio*], que é colonizador, que reproduz um pejorativo que remete à ideia eurocêntrica de que somos atrasados, de que somos todos iguais, no sentido de que as diferenças linguísticas e culturais são desconsideradas, seja substituído por como nos autodenominamos.”

Fonte: texto adaptado da reportagem Índio ou indígena? [Entenda a diferença entre os dois termos | Emily Santos | Portal G1](#)¹.

¹Todos os links indicados neste material foram acessados em outubro de 2025.





DESENVOLVIMENTO

3. Após as discussões feitas no Ponto de partida, avance no debate em torno da ocupação do território amazônico, procurando focar a perspectiva dos povos indígenas e dos povos tradicionais. Solicite inicialmente que os estudantes analisem e interpretem o poema e a imagem: [Tudo é gente | Denilson Baniwa | Prêmio Pipa](#). Esse exercício levará a turma a refletir sobre uma visão indígena a respeito da relação entre o ser humano e a natureza. Você também encontra o poema e a imagem no Material do Estudante deste módulo.

Tudo é gente, Denilson Baniwa

Dizem meus avós, que antigamente

Antes de mim, você ou qualquer outro homo sapiens dominar o planeta

Tudo era gente: floresta, humanos e não humanos eram gente.

Havia a gente-onça, gente-papagaio, gente-árvore, gente-pedra; e a gente-gente

Todos inclusive, falávamos a mesma língua. Nos entendíamos.

O tempo também era outro, não havia relógios nem despertadores

O trabalho não era uma função acumuladora, mas de coletividade

Mas isto foi de um tempo que nem meus avós, nem nós vivemos

É do tempo antes do tempo

Hoje desconhecemos a língua dos pássaros e plantas

Das rochas, riachos e montanhas nem lembramos mais

Não nos entendemos nem com nossos vizinhos e moradores do mesmo planeta

Sei bem que aquele tempo, não podemos ter de volta

Mas podemos hoje, aprender a comunicação perdida

Quando começamos a pensar que existe um meio ambiente

Diferente de nós, humanos

Nestes tempos, enquanto não existe uma máquina do tempo

Que nos joguem de volta ao tempos do mundo-ancestral

Podemos voltar a entender que somos parte do planeta e não dominantes dele

A arte, indígena ou não pode servir como um mecanismo metafísico de tradução

Traduções das vozes da floresta, das pedras, da água e de todos os seres vivos

A arte indígena, pode ser aliada no entendimento de mundos

Pois ela mesmo, transita entre o ancestral e a plasticidade do mundo moderno



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS

Artistas indígenas podem ser arte-xamãs que compartilham
Conhecimentos trazidos de todas as vozes
Inclusive daqueles que nem lembramos mais que existem

A arte é o que nos une

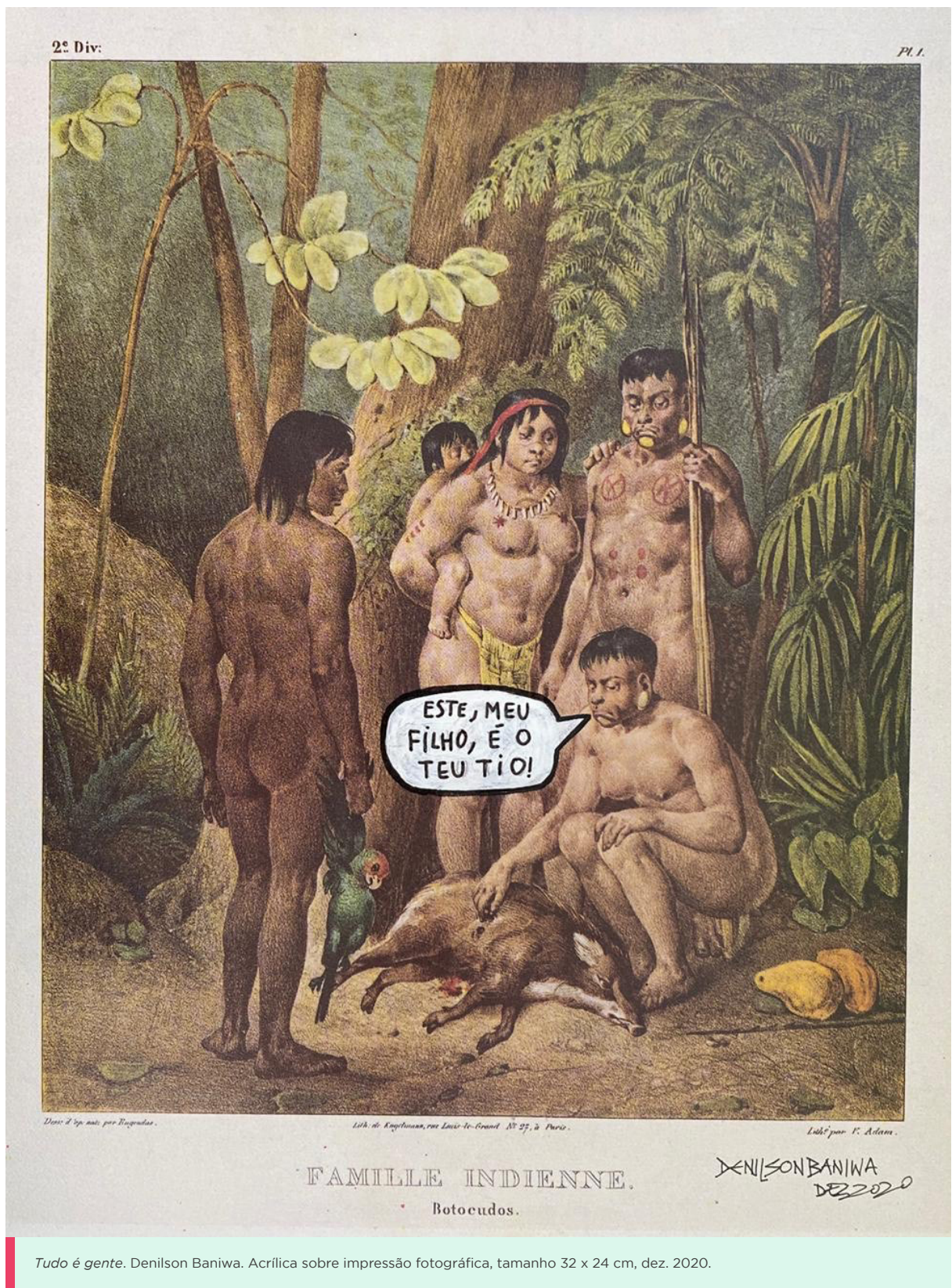
É a conexão entre o mundo ancestral e o mundo que queremos a partir de agora

Fonte: BANIWA, Denilson. **Tudo é gente**. Prêmio Pipa, 2020. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>. Acesso em: 12 dez. 2025.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS



A partir do poema e da imagem, é possível explorar como essa concepção se contrapõe à lógica de ocupação e exploração do território que hoje denominamos Brasil pelos colonizadores europeus, apresentada no documento histórico [A Carta de Pero Vaz de Caminha | Fundação Biblioteca Nacional | Ministério da Cultura](#). Para isso, docente, você pode mobilizar as seguintes questões:

- Qual é a perspectiva a respeito da relação entre ser humano e natureza no poema e na imagem do artista e ativista pelos direitos indígenas Denilson Baniwa?
- De que maneira essa perspectiva se contrapõe à lógica da colonização portuguesa para o território que hoje é chamado de Brasil?
- De quais formas o poema e a imagem de Denilson Baniwa permitem questionar os marcos oficiais de fundação e ocupação do território que hoje chamamos de Brasil?

4. Aproveite para trabalhar também a questão da ocupação territorial pelos indígenas a partir de alguns estudos arqueológicos, como o de Eduardo Góes Neves, que afirma haver vestígios da ocupação da região amazônica por comunidades indígenas de caçadores-coletores há, pelo menos, 12 mil anos. Para apoiar o seu planejamento, considere consultar a entrevista [Arqueólogo da floresta | Encontros com Eduardo Góes Neves | Sesc São Paulo](#). Nessa conversa, é possível ampliar o conhecimento a respeito do parentesco genético dos indígenas brasileiros com os povos maias, dos apagamentos da história desses povos, dos sítios arqueológicos amazônicos e da valorização da diversidade amazônica.

5. Um ponto que consideramos importante tratar com os estudantes é que a ocupação do território amazônico aconteceu muito antes da chegada dos colonizadores portugueses. Outra ação essencial é ressaltar as formas particulares de relação com a floresta e a produção de alimentos de povos indígenas e povos tradicionais. A sugestão é trabalhar com materiais escritos por autores indígenas, para que possamos ter uma perspectiva diferente da visão ocidental eurocêntrica. Há a possibilidade de se trabalhar com um material didático feito no Acre pelas populações indígenas da região, o [História Indígena | Lemad FFLCH-USP](#). No conteúdo, há uma parte que narra o povoamento da região amazônica e o modo como as primeiras populações que se estabeleceram ali sobreviveram, além de explicar como eram suas casas e como se alimentavam. Outra possibilidade é explorar as histórias sobre a criação dos seres vivos ou as marcações cronológicas que também aparecem no apontamento. Esses são temas que podem ser explorados na sistematização dos verbetes.

Saiba mais

Atualmente, existem algumas pesquisas arqueológicas que procuram entender como se deu a ocupação do território que chamamos de Brasil antes da chegada dos portugueses. Como as fontes são escassas e, em grande parte, fracionadas – fragmentos de cerâmica ou mesmo vestígios de fogueiras –, é exigida uma pesquisa muito especializada. Atualmente, no Brasil, alguns pesquisadores se destacam nesse campo. Recomendamos algumas obras sobre o assunto:

- NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.



Trata-se de um dos mais recentes estudos sobre o tema. O autor escreve para um público amplo e não necessariamente acadêmico. Portanto, há uma parte introdutória sobre o trabalho do arqueólogo, que pode ser muito bem explorada em sala de aula. Na segunda parte, o autor trata mais especificamente de sua pesquisa e das conclusões às quais chegou a partir da análise de fontes nada convencionais, o que torna a leitura instigante.

- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Livro mais recente do filósofo indígena Ailton Krenak, no qual ele procura, como o título já indica, retomar a importância do conhecimento ancestral para qualquer concepção de futuro. O mais interessante talvez seja o diálogo que o autor consegue estabelecer entre a filosofia ocidental, de matriz greco-latina, e a filosofia indígena, para mostrar que os antigos são o pressuposto básico para qualquer concepção de futuro que se possa ter.

- KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yusef Daibert Salomão de. **Lugares de origem**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

A publicação apresenta um diálogo entre o filósofo Ailton Krenak e o professor e doutor em História Yusef Daibert. Entre tantos assuntos, o que mais chama a atenção é o tema da moradia dos povos indígenas. Os dois autores fazem uma profunda reflexão sobre o lugar, e, mais especificamente, o lugar de origem, e como esse lugar era habitado e ocupado. A conversa, então, toma um rumo sobre a arquitetura indígena.

- FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. **Mana**, v. 14, p. 329-366, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/tNKpjsQPtDrQbRhbztxk-D3P/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2025.

O artigo procura discutir o conceito de propriedade em culturas indígenas da região amazônica. O mais instigante na leitura é perceber que os povos indígenas levavam em consideração não apenas outros povos, mas também a propriedade territorial que alguns não humanos exerciam.

- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Descobrimos o Brasil).

Livro clássico de Carlos Fausto, que procura fornecer ao leitor não especializado um panorama sobre o estilo de vida dos povos indígenas antes da existência do conjunto territorial que chamamos atualmente de Brasil. O autor procura explicar como se dava a relação dos indígenas com as vegetações e os seres não humanos, que muitas vezes eram vistos no mesmo nível hierárquico dos humanos. Talvez seja o melhor texto para começar os estudos sobre a cosmovisão indígena.

6. Outro aspecto que pode ser abordado para o aprofundamento do tema é a narrativa quilombola a respeito de sua formação, sua cultura e sua relação com a floresta. Para isso,



leia a reportagem [Índios e quilombolas da Amazônia contam suas histórias no novo Google Earth | Amazônia Real](#). O conteúdo traz uma série de vídeos e textos que podem apoiar o seu planejamento, docente. A plataforma Google Earth, inclusive, possui um mapeamento dos quilombos da região amazônica em 3-D, que, caso seja possível de ser exibido, é uma ferramenta impactante. Há, ainda, o vídeo [Eu Sou Alimento - Dos Quilombos para o Mundo | Google Brasil | YouTube](#). Ele fornece uma série de narrativas de lideranças quilombolas a respeito do início da ocupação, das rotas, das estratégias de fuga e da coalizão com os indígenas na interação com a floresta, além da produção de alimentos de forma ancestral dessas populações. Esses aspectos podem ser trabalhados com os estudantes, a fim de que os inspirem e sirvam de tema para suas produções na Sistematização.

De olho nas estratégias

Considere dividir a turma em três ou mais grupos de estudantes, de maneira que os materiais indicados sejam explorados e trabalhados por cada grupo. O primeiro subgrupo seria responsável por explorar a entrevista com o arqueólogo Eduardo Góes Neves, sintetizando aspectos relacionados aos primeiros povoamentos da Amazônia, aos silenciamentos da história, como a arqueologia auxilia no conhecimento do povoamento territorial da Amazônia etc. O segundo grupo poderia trabalhar com o material didático História Indígena, organizado pelo Laboratório de Ensino e Material Didático (Lemad) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP ([História Indígena | Lemad FFLCH-USP](#)), buscando aspectos relacionados à história indígena e suas temporalizações (tempo das malocas, tempo das correrias, tempo do cativo e tempo dos direitos), os primeiros povoamentos etc. Já o terceiro grupo trabalharia com os materiais sobre os quilombolas indicados anteriormente, a fim de explorar seus relatos sobre a ocupação do território, suas formas de interação com a natureza, seus modos de produzir alimentos, suas alianças com povos indígenas, seus relatos de fugas etc.

A partir dessa divisão, cada grupo definirá palavras, conceitos e/ou categorias a partir das quais serão elaborados os **verbetes** relacionados a esses grandes temas:

- Arqueologia na Amazônia e primeiros povoamentos.
- História e cronologia indígenas.
- Quilombolas e ocupação da floresta.

Exerça sua presença pedagógica de maneira a apoiar os grupos na sistematização das leituras e da definição dos verbetes a ser elaborados. Promova um debate após as leituras, para definir os verbetes que serão elaborados no momento da Sistematização.

Saiba mais

Quilombolas da Amazônia

A Amazônia brasileira também é a casa de muitos quilombolas, descendentes de africanos escravizados. No Pará, fugindo da escravidão, eles estabeleceram suas comunidades e lutaram pelos seus direitos territoriais. Pessoas negras, de origem africana, escravizadas foram levadas para a região do Maranhão e do Pará, para trabalharem na produção agrícola, em meados do século 18. Perto de Oriximiná (no estado do Pará), muitas fazendas utilizaram mão de obra desses negros que foram escravizados. Quan-



do fugiam dessa condição, os negros entravam nas florestas e subiam o curso dos rios. Ali eles formavam os quilombos. Quilombo é uma palavra originária do continente africano, podendo ser originária do quimbundo (*ki lombo*), do umbundo (*ochilombo*) ou, ainda, do banto, com significância de habitação, acampamento ou “lugar para estar com Deus”. Significava, também, “acampamento guerreiro”, “capital, povoação, união”. Porém foi só no Brasil que o termo “quilombo” ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravizados fugitivos. Na época da escravidão, os quilombolas viviam em várias comunidades próximas entre si. Assim, eles construíram uma rede de proteção, o que possibilitava avisar uns aos outros sobre a aproximação de expedições de captura. Quando isso acontecia, a comunidade queimava suas moradias e seguia para outro ponto mais distante. Nessa região, onde os quilombos foram se formando, existem até hoje muitos recursos naturais, e a presença dessas comunidades ajudou na manutenção das riquezas e do ecossistema. Os quilombolas podiam pescar e caçar, além de praticar o extrativismo da castanha, da copaíba, do cipó, do breu, da madeira e dos remédios naturais. Depois da abolição da escravidão no Brasil, em 1888, os quilombolas começaram a descer os rios. Vivendo em liberdade, eles não precisavam mais se preocupar com as expedições de captura. Os seus quilombos passaram a ocupar as margens dos rios Trombetas e Erepecuru. (...) Quase um século depois, no final dos anos 1960, e nos anos 1970 e 1980, foram criadas a Reserva Biológica Trombetas e a Floresta Nacional Saracá-Taquera. Neste período, inicia-se também a exploração de bauxita na área. Tudo isso oprimiu os quilombolas, dificultando que continuassem vivendo sua cultura, de seu modo, impondo proibições a suas práticas tradicionais de extrativismo. (...).

Fonte: [Quilombos na Amazônia | Google Earth](#).

Para assistir a relatos de lideranças quilombolas e suas narrativas a respeito do início da ocupação do território, você pode acessar o vídeo [Quilombolas da Amazônia lutam para manter a herança africana em meio à floresta | Mongabay Brasil | YouTube](#).

Também é possível acessar outras narrativas a respeito dos quilombolas da região amazônica em [Eles venciam matas, pedra e água | Giovanna Consentini e André D’Elia | Uniamazônia](#).

Diálogos amazônicos

A ARQMO e as Associações Quilombolas

Para serem reconhecidos como donos de suas terras, os quilombolas precisam criar uma associação. É essa associação que recebe o título coletivo. Atualmente, a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO) reúne sete dessas associações. Cinco delas já têm seu território titulado: ACORQAT (Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos da Área Trombetas), ACRQBV (Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Vista), ACRQAF (Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Água Fria), ACORQE (Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos da Área Erepecuru) e parte da área da Associação MÃE DOMINGAS Território Alto Trombetas I. As associações ACRQAT (Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas II do Município de Oriximiná) e ACORQA (Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Ariramba), além do restante do território reivindicado pela Associação Mãe Domingas, ainda estão



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS

no processo de titulação. No vídeo [Antônio Bispo - Falando sobre Quilombolas | Acarte Limeira | YouTube](#), é possível entrar em contato com o pensamento de Antônio “Nego” Bispo, liderança quilombola do Piauí de grande destaque. Seu relato sobre as culturas e os pensamentos tradicionais converge para a sociodiversidade dos povos brasileiros, além de trazer uma narrativa interessante sobre o início da ocupação e da caracterização dos quilombos por meio do tempo, em sua contracolonialidade.

Fonte: [Quilombos na Amazônia | Google Earth](#).

SISTEMATIZAÇÃO

7. A partir dessas discussões, os estudantes podem elaborar verbetes sobre o processo de ocupação territorial envolvendo os indígenas e os povos tradicionais. Estimule os jovens a selecionar temas instigantes, promovendo o debate e acolhendo as sugestões da turma. Os verbetes devem tratar de aspectos relacionados ao processo de ocupação do território pelos povos indígenas ou tradicionais. Algumas possibilidades são:

- As **fugas** dos escravizados que deram origem aos quilombos.
- As **rotas** de fuga.
- **Estratégias de proteção** dos quilombolas nas florestas.
- As **alianças** entre quilombolas e indígenas.
- As formas de **extrativismo quilombola**.
- **Geração de renda** na atualidade dos povos tradicionais.
- **Mitos de criação** indígenas.
- **Primeiros povoamentos** indígenas na Amazônia.
- **Descobertas arqueológicas** relacionadas aos povos indígenas.

Eixos curriculares estruturantes em ação

Os objetivos do eixo *Método, conhecimento e ciência* são mobilizados em diferentes momentos deste módulo, como a partir da análise e da reflexão a respeito das formas de ocupação do território amazônico por povos indígenas e tradicionais e a sistematização desses conhecimentos em verbetes. Além disso, os estudantes terão a chance de mobilizar os conhecimentos e os recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas por meio da possibilidade de questionar e avaliar criticamente narrativas e discursos de determinada historiografia ocidental eurocêntrica.

Avaliação em processo

Nesta etapa, é possível promover a avaliação de forma processual, sobretudo a partir dos seguintes instrumentos: anotações no caderno, quadro-síntese e verbetes. Esses são produtos que podem ser acessados como forma de avaliar o desempenho dos estudantes ao longo do processo. Considere acompanhar a construção desses verbetes ao longo da situação de aprendizagem, na escolha das palavras, na delimitação do que será abordado no verbete, com base no que foi construído ao longo do percurso, e no poder de síntese dos estudantes. Pondere, também, dar a possibilidade de os estudantes reconhecerem seus avanços e seus desafios entre as anotações da primeira chuva de ideias e a versão final do verbete, por meio da autoavaliação. Para a ampliação de conhecimentos e de repertório sobre práticas avaliativas, recomendamos a realização da Trilha de Aprendizagem do componente [O lugar da avaliação | Instituto iungo, Instituto Reúna, Itaú, Educação e Trabalho | Programa Nosso Ensino Médio](#).



ETAPA 2: AMAZÔNIA LEGAL E SUAS RODOVIAS

ACONTECE NA ETAPA

- Texto-síntese com análise dos impactos socioambientais decorrentes da abertura de rodovias (BR-163 e Transamazônica).
- Mapas mentais que sistematizam dados e refletem sobre a produção agropecuária e de *commodities* na região e seu impacto na distribuição de alimentos.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Na presente etapa, os estudantes serão chamados a compreender as dinâmicas das redes urbanas na Amazônia sob a ótica da abertura de rodovias importantes, como a BR-163 e a Transamazônica, e refletir sobre o papel delas na modificação do espaço. Nesse sentido, as reflexões desta etapa servirão de contraponto à primeira etapa, tendo em vista as formas de ocupação do território amazônico. Com estudos e práticas, os estudantes poderão realizar a sistematização de dados sobre o uso da ampliação de espaços para a produção de *commodities*, de urbanização, seguido dos impactos sociais e ambientais gerados na região. Assim, a habilidade de área EM13CHS206 poderá ser aprofundada. A ideia é que, após esse estudo, os estudantes consigam compreender os prós e os contras de todo o processo de abertura dessas rodovias, reconhecendo os seus benefícios, mas entendendo que existem pontos com necessidades de intervenção socioambiental para que haja proporcionalidade nas ações.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa junto aos estudantes. Para começar essa situação de aprendizagem, mostre a imagem [Transamazônica | Paula Sampaio | Museu de Arte do Rio | Facebook](#). A seguir, realize uma tempestade de ideias a partir das percepções (amplas e gerais) da turma sobre o tema. Em seguida, apresente a imagem *Mapa mostra densidade de estradas na Amazônia Legal*, disponível no texto [Estradas cortam ou se aproximam de 41% da área de floresta na Amazônia, mostra mapeamento inédito | Imazon](#), a fim de trazer alguns dados a respeito da relação estrada-floresta. Introduza o debate para a reflexão sobre a relação da estrada com a floresta, que buscaremos aprofundar nesta etapa. O objetivo é sensibilizar os estudantes para a relação entre as rodovias e a conservação ambiental da Amazônia Legal. Na sequência, recupere alguns debates da etapa anterior sobre a ocupação do território por indígenas e



povos tradicionais, de modo a conduzir um breve debate que permita caracterizar diferenças entre as formas ancestrais de ocupação do território amazônico e a abertura de rodovias no século 20.

2. Para subsidiar a mediação com a sua turma, propomos a leitura da matéria [Estradas já impactam 41% da floresta amazônica, revela estudo do Imazon | Cristiane Prizibiszki | O Eco](#). O texto trata do quanto a construção de rodovias impactam o bioma amazônico, além de trazer dados relacionados às áreas destinadas para a construção das estradas. A reportagem também enfatiza a importância de monitorar a construção de rodovias, visto que é uma ação decisiva para identificar ameaças à Amazônia, aos indígenas e aos povos tradicionais que habitam a região. Outra possibilidade é a leitura de [Terras indígenas e quilombos conservam e recuperam áreas devastadas da Amazônia | Sidney Rodrigues Coutinho | Conexão UFRJ](#). O texto aborda como os diferentes regimes de governança em comunidades indígenas e de povos tradicionais promovem a conservação da vegetação nativa.



DESENVOLVIMENTO

3. Para aprofundar a compreensão sobre o processo de ocupação da Amazônia a partir das rodovias, sugerimos abordar os textos [As rodovias na Amazônia: uma discussão geopolítica | Thiago Oliveira Neto | Revista Franco-Brasileira de Geografia](#) e [O processo de colonização e urbanização na Amazônia | Elaine Cristina Leão Carvalho | Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales](#). O primeiro texto pode ser dividido (veja sugestão de divisão no Material do estudante: Etapa 2 - Situação 1 - Atividade 2) e trabalhado a partir da estratégia de rotação por estações (ver mais detalhes na [Caixa de Metodologias e Estratégias](#)). Mobilize os grupos para responderem às questões:

Estação 1:

- Quais as razões históricas para a construção de rodovias no território amazônico?
- Do ponto de vista geopolítico, qual o impacto dessas rodovias?

Estação 2 e Estação 3:

- Quais os principais aspectos trazidos pelo texto?

4. Após a leitura do texto e as anotações feitas pelos grupos, nas três estações, apresente para a turma os seguintes mapas das rodovias da Amazônia:

a) Principais rodovias na Amazônia Legal (2019): [Nova fronteira de expansão e áreas protegidas no estado do Amazonas | Da Costa Silva et al. | Mercator 2021 | Scielo](#).

b) Distribuição do desmatamento e dos frigoríficos instalados na Amazônia registrados no Sistema de Inspeção Federal em 2005: [A pecuária e o desmatamento na Amazônia na era das mudanças climáticas | Imazon](#).

Solicite aos estudantes que reflitam sobre a relação entre as rodovias, a produção agropecuária e a conservação ambiental. Considere retomar o debate realizado na chuva de ideias do Ponto de partida e promover a autoavaliação de cada um em relação às hipóteses iniciais. O segundo texto pode servir de apoio ao planejamento docente, na condução dos debates referentes ao processo de ocupação da Amazônia e à abertura



de rodovias. Esses textos permitem trabalhar com os estudantes a análise do papel do Estado na construção das rodovias que, além do processo de urbanização, contribuem para uma miríade de aspectos ligados a grandes infraestruturas, deslocamentos de informação, mercadorias, pessoas e capital.

5. Para avançar na análise dos impactos ambientais e sociais da presença das rodovias, sugerimos trabalhar com o documento [Relatório de Impacto Ambiental - Pavimentação BR-163 e BR-230 | Ecoplan Engenharia | Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia \(INPA\)](#). A partir desse texto, é possível conduzir um levantamento de dados e reflexões com os estudantes a respeito dos impactos socioambientais e econômicos das obras de pavimentação de trechos dessas rodovias. Uma das opções é o trabalho de listagem de dados em duplas ou trios, estimulando a aprendizagem colaborativa a partir de algumas seções do documento. Solicite que os estudantes elaborem textos-sínteses de alguns dos temas presentes em seções do documento, tais como:

- Como a pavimentação vai influenciar a expansão da fronteira agrícola e do potencial produtivo da região? (p. 58)
- O frete para a região vai ficar mais barato? (p. 56)
- Como a região poderia se desenvolver afetando o menos possível o meio ambiente? (p. 69)
- Com o final das obras, vai haver desemprego e redução do volume de renda em circulação na economia local? (p. 55)
- Como a pavimentação vai afetar a vegetação da região? (p. 44)

Saiba mais

Considere utilizar trechos do texto a seguir como apoio para a mediação e a produção dos mapas mentais.

Os paradoxos da segurança alimentar na Amazônia

A Amazônia é considerada uma região paradoxal. Em meio à maior biodiversidade do planeta, há fome; em meio à maior oferta de água doce do mundo, falta água potável. (...) A seguir, algumas situações que retratam essas contradições. (...) A mandioca, alimento-base para os amazônicos, é plantada nos roçados durante a vazante (descida das águas) dos rios e colhida na enchente (subida) – ou seja, nos poucos meses em que há solos não inundados, pois, na maior parte do ano, a Amazônia recebe um grande volume de chuvas. (...) A pesca, parte importante da economia local, também ocorre de forma mais intensiva durante a seca. Isso porque, durante a cheia, os peixes podem migrar pelas águas, dificultando a atividade pesqueira e aumentando a insegurança alimentar de muitas famílias. (...) A água potável é necessária para o preparo dos pescados, mas é um bem escasso em uma região que pouco tem rede de abastecimento de água. Este mesmo desafio impacta a produção das polpas de frutas amazônicas, como o açaí, produto altamente valorizado no Brasil e no mundo. (...) As distâncias, é claro, também impactam a segurança alimentar. Para o transporte de alimentos frescos, são necessárias grandes quantidades de gelo, por conta dos longos trajetos, bem como de combustíveis. (...) As soluções para o desenvolvimento da região precisam levar em



conta os paradoxos amazônicos. Uma boa saída são as Tecnologias Sociais, que contam com a participação das populações locais na resolução de problemas. Dessa forma, os projetos são adequados especificamente a cada localidade atendida.

Fonte: texto adaptado do artigo [Da produção à distribuição: os paradoxos da segurança alimentar na Amazônia](#) | Leonardo Capeleto de Andrade | AUPA.

SISTEMATIZAÇÃO

6. De posse dos dados e das informações coletadas anteriormente, os estudantes, agora, poderão sistematizá-los de maneira a produzirem mapas mentais sobre a produção agropecuária e de *commodities* na região, a presença das rodovias e seu impacto na distribuição de alimentos e mercadorias. Reserve um momento para que essas produções sejam socializadas mediante um debate com a turma.

Eixos curriculares em ação

A partir do levantamento de informações e dados em fontes variadas, tais como artigos científicos e relatórios técnicos, os estudantes serão capazes de estabelecer relações entre o processo de ocupação territorial da Amazônia por meio das rodovias, articulando os objetivos do eixo *Método, conhecimento e ciência* com os da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além disso, as relações que são construídas nesta etapa são, também, relacionadas com os conhecimentos da etapa anterior, aprofundando os saberes e as habilidades dos estudantes.

Avaliação em processo

A etapa permite que a avaliação seja realizada de forma processual. No Ponto de partida, é possível avaliar a capacidade de interpretação de mapas dos estudantes, bem como os conhecimentos prévios relacionados às regiões amazônicas. Diante da estratégia de rotação por estações, os estudantes poderão ser avaliados a partir da leitura e da interpretação dos textos e dos mapas, assim como a participação e o engajamento nos debates e na aprendizagem coletiva. No trabalho de levantamento de dados, os jovens poderão ser avaliados em relação ao poder de síntese e sistematização de informações. Nesse sentido, a elaboração de mapas mentais deve possibilitar que os estudantes aprimorem suas habilidades referentes à investigação e à pesquisa científica.



ETAPA 3: SINOP E MEDICILÂNDIA: ENTRE A SOJA E O CACAU

ACONTECE NA ETAPA

- Análise dos casos das cidades de Sinop (MT) e Medicilândia (PA), a fim de estabelecer comparações e reflexões a respeito dos processos de urbanização e a relação com a produção agrícola.
- Quadro-síntese com informações a respeito da produção agrícola na região e seus modelos.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Nesta etapa, os estudantes exercitarão a análise crítica com relação ao processo de urbanização e produção agrícola e agropecuária na região amazônica, a partir do estudo de caso de duas cidades. A turma será convidada a refletir sobre a relação entre a produção agrícola nas cidades de Sinop, no Mato Grosso (produção de soja), e Medicilândia, no Pará (produção de cacau), sua organização urbana, seus desmatamentos e suas desigualdades. Com base em textos, dados e informações trabalhados a partir de estratégias didáticas, como aula invertida, rotação por estações e aulas dialogadas, os estudantes poderão estabelecer comparações entre a produção de soja e a produção de cacau em larga escala. A partir dessas reflexões, os estudantes serão capazes de mobilizar os conhecimentos e as informações trabalhados na etapa anterior a respeito das rodovias e o escoamento da produção na região. Esta etapa possibilita que a habilidade de área EM13CHS201 seja aprofundada ao longo do percurso.



PONTO DE PARTIDA

1. Dê início ao percurso apresentando as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa com os estudantes. Inicialmente, é importante convidar a turma a pensar sobre o agronegócio na contemporaneidade. Assim, para a sensibilização inicial sobre o tema e a discussão dos pontos positivos e negativos do agronegócio, recomendamos uma roda de conversa com todos, mobilizando os estudantes para que eles tragam suas ideias sobre o que é o agronegócio, quais os impactos econômicos e ambientais e, ainda, compartilhem com a turma experiências que tenham acerca desse segmento produtivo (se alguém da família trabalha no agronegócio, se existe alguma empresa do ramo na região onde moram ou se conhecem experiências relacionadas à questão).



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS

2. Anote as respostas dos estudantes em forma de quadro-síntese para organizar e relacionar as ideias colocadas a partir dos relatos. Mobilize a participação da turma, apresentando e trabalhando com algumas informações:

- Um estudo da Associação Brasileira do Agronegócio apontou que 40% dos brasileiros não sabem o que é agronegócio, 53% dos entrevistados acreditam que falta informação sobre o setor e 87% pensam que o agronegócio precisa contar mais sobre sua história.

3. Finalize a sensibilização com o texto [A contradição entre recordes no agronegócio e fome no Brasil | João Pedro Soares | Deutsche Welle Brasil](#) (ver Material do estudante: Etapa 3 – Situação 1 – Atividade 1). Considere, neste momento, realizar uma avaliação diagnóstica a partir das hipóteses e dos apontamentos iniciais dos estudantes e as reflexões trazidas depois da leitura do texto.



DESENVOLVIMENTO

4. Para o desenvolvimento desta etapa, apresente aos estudantes as cidades de Sinop (MT) e Medicilândia (PA) como duas importantes produtoras do agronegócio. Enfatize a relação de Sinop com a soja, considerando o fluxo para o mercado externo, as questões econômicas e também o desmatamento. Sobre o município de Medicilândia, pode ser destacada a produção de cacau e as formas rentáveis de produção agrícola que ocorrem sem a derrubada da floresta. Consulte o [\[Episódio 04\] Amazônia sitiada | Podcast Tempo Quente | Rádio Novelo | YouTube](#), a fim de preparar sua exposição. Nesse episódio do programa, obtemos informações e avaliações a respeito das duas cidades, suas inserções na floresta e suas relações com o desmatamento e com a produção agrícola.

5. Após a exposição, proponha um debate organizado a partir de alguns trechos dos textos sobre Sinop e Medicilândia (ver trechos selecionados no Material do estudante: Etapa 3 – Situação 1 – Atividade 2):

- [A história de um município projetado \(Sinop/MT\): Qual é o seu futuro? | Fernando César de Macedo e Pedro Ramos | Revista eletrônica Documento e Movimento.](#)
- [A influência do governo federal sobre cidades na Amazônia: os casos de Marabá e Medicilândia | Ana Claudia Duarte Cardoso e José Júlio Ferreira Lima | Novos Cader-nos NAEA.](#)

Divida a turma em dois grupos, sendo que uma equipe deverá ler o texto a respeito de Sinop e a outra o texto sobre Medicilândia. Ambas devem realizar anotações das conclusões do grupo sobre o texto em questão. Conduza a atividade de forma que os estudantes reflitam sobre as semelhanças e diferenças entre as duas cidades. Estimule as equipes a observar os seguintes pontos:

- A importância da BR-163 na formação de Sinop e da rodovia Transamazônica na formação de Medicilândia.
- Como o agronegócio se desenvolveu em ambas as cidades, focando os modelos de produção de soja (Sinop) e cacau (Medicilândia).
- A estrutura organizacional urbana de cada cidade, observando quais fatores políticos e econômicos se relacionam à organização.



Saiba mais

SINOP (MT) E MEDICILÂNDIA (PA)

As cidades de Sinop (MT) e Medicilândia (PA) são casos interessantes para se abordar os paradoxos da produção agrícola e as tensões entre a exportação de *commodities* e a produção de alimentos para o mercado interno. Por isso, sugerimos como material de apoio para o seu planejamento o conteúdo [Podcast explica ocupação da Amazônia e como Sinop se tornou capital da soja | Felipe Betim | Olhar Agro & Negócios](#). Outra ideia é a leitura do texto sobre a bioeconomia no Pará e a cidade de Medicilândia [Bioeconomia da sociobiodiversidade no estado do Pará | Francisco de Assis Costa et al. | Banco Interamericano de Desenvolvimento](#), no qual é possível ampliar informações a respeito das possibilidades de construção de redes agroecológicas e beneficiamento de produtos amazônicos, gerando renda para as comunidades tradicionais e extrativistas. No texto [Sistemas de cultivo, comercialização e entraves no Município de Medicilândia, Pará | Andressa Julia Santos Vasconcelos et al. | Cadernos de Agroecologia](#), é possível acessar informações e dados a respeito da produção agroecológica na cidade de Medicilândia. Sobre as desigualdades sociais geradas a partir do modelo de produção de Sinop, o texto [Fome na abundância – PIB per capita elevado contrasta com pobreza em ricas regiões do agronegócio em Mato Grosso | João Peres e Tatiana Merlino | Tab UOL](#). Ainda em Sinop, é possível entrar em contato com um histórico da ocupação e da urbanização, bem como dos processos de violência relacionados à cidade no texto [Sinop, onde a Amazônia virou asfalto e soja | Mauricio Torres e Sue Branford | Outras Palavras](#).



SISTEMATIZAÇÃO

6. Para a sistematização, os estudantes deverão elaborar um quadro-síntese no qual estabelecerão comparações entre Sinop e Medicilândia a respeito da produção agrícola nas duas cidades. Podem aparecer nesse quadro colunas a respeito da relação entre desmatamento e produção; renda *per capita* da cidade e volume de produção; relação entre as cidades e as rodovias de acesso (BR-163 e BR-230); e perspectivas de produção agroecológica. O objetivo é que, a partir do quadro, os estudantes sistematizem e comparem os modelos agrícolas dessas cidades, acessando tanto conhecimentos construídos nas etapas anteriores quanto promovendo uma base para a etapa seguinte a respeito da agroecologia e as redes de produção da região amazônica que operam modelos sustentáveis.

Eixos curriculares estruturantes em ação

Os eixos *Método, conhecimento e ciência* e *Mundo do trabalho e transformação social* são mobilizados nesse módulo e contribuem para os objetivos de aprendizagem da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A elaboração de um quadro-síntese a respeito das cidades Sinop e Medicilândia pode ser percebida enquanto possibilidade de que os estudantes analisem situações-problema relacionadas à produção agrícola e aos desafios frente ao desenvolvimento sustentável, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar crítico e qualificado a respeito da produção agrícola na região, levando em consideração os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania e da democracia.



Avaliação em processo

A avaliação da etapa do módulo se dará de forma processual, a partir das produções vinculadas ao quadro-síntese: no Ponto de partida, considere realizar uma avaliação diagnóstica diante do posicionamento dos estudantes após a exibição da imagem/vídeo e, depois, da leitura do texto. Possibilite que os estudantes reconheçam seus avanços e desafios diante deste percurso. No Desenvolvimento, diante da leitura dos textos, coletivamente, verifique se os jovens alcançaram satisfatoriamente a síntese dos textos, a organização dos argumentos para o debate e a comparação entre as cidades e seus modelos de produção. Na elaboração do quadro-síntese, considere a capacidade de sistematização dos estudantes diante dos conhecimentos e das informações acumuladas ao longo da etapa.



ETAPA 4: REDES AGROECOLÓGICAS

ACONTECE NA ETAPA

- Compreensão do debate a respeito da agroecologia e sobre a insegurança alimentar.
- Análise de políticas públicas relacionadas ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e à agricultura familiar.
- Infográficos sobre as redes agroecológicas da região amazônica, a fim de promover a divulgação de boas práticas ligadas ao cultivo de alimentos.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Esta situação de aprendizagem convida os estudantes a identificar os debates existentes sobre a agroecologia e os sistemas agrícolas ancestrais, relacionando-os às questões sobre a ocupação do território e a insegurança alimentar na região amazônica. Em atividades de leitura coletiva, debates mediados a partir de questões norteadoras, construção de mapas conceituais e de infográficos, os estudantes reconhecem a importância das políticas públicas existentes para o incentivo à agricultura familiar, a fim de compreenderem o papel da agroecologia na região amazônica. A perspectiva é que, ao fazer esse trajeto, a turma identifique as questões relacionadas ao meio ambiente na Amazônia e consiga compreender quais os métodos relevantes na conservação do ecossistema amazônico e na manutenção da produção de alimentos na região. Dessa maneira, a habilidade de área EM13CHS302 é aprofundada na etapa.



PONTO DE PARTIDA

1. Comece o percurso apresentando as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa junto aos estudantes. O objetivo deste momento inicial é trabalhar com a turma questões norteadoras sobre os modelos de produção agrícola locais e ancestrais, tais como: “O que é agricultura familiar?”; “O que são as redes de produção agroecológicas?”; “Qual é a relação entre o plantio de alimentos e a conservação do meio ambiente?”; “De que forma a agricultura familiar contribui no combate à fome?”; “Quais modelos de plantio e/ou extrativismo vocês conhecem em sua região?”.



2. Proponha aos estudantes que organizem as respostas acerca das questões norteadoras e pesquisem sobre as informações discutidas em sala de aula. A pesquisa deve ser exploratória, em sites, materiais didáticos, vídeos, reportagens, artigos ou em ferramentas de consulta que sejam acessíveis aos estudantes. Oriente a turma a buscar informações que ampliem o debate proposto com base nas questões norteadoras, estabelecendo relações com os modelos de tecnologias agrícolas, com a importância da atuação dos agricultores na conservação do meio ambiente e dos biomas amazônicos e, principalmente, em como o plantio de alimentos pode combater a insegurança alimentar na região. Considere mediar o momento a partir da retomada de aspectos debatidos e construídos na etapa anterior, de maneira que se estabeleça a comparação entre a produção de *commodities* e a produção agroecológica. O registro desse momento pode ser feito em um quadro colaborativo em sala, de forma que os estudantes acessem, também, as informações trazidas pelos colegas.

Saiba mais

Redes agroecológicas

A agroecologia é uma forma de agricultura sustentável produzida a partir de conhecimentos ancestrais e científicos sobre a terra, o meio ambiente e os territórios. Baseada na chamada revolução verde, a agroecologia consiste em pensar a produção de alimentos levando em conta as questões políticas, sociais, econômicas, culturais, energéticas e, sobretudo, a agricultura familiar. Sobre as redes agroecológicas e a agroecologia, você pode consultar o texto [Contra a fome, a agroecologia | André Antunes | Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - FIOCRUZ](#). Também é possível consultar o infográfico interativo presente no artigo [Como funciona uma agrofloresta na Amazônia | Letícia Klein | National Geographic](#).



DESENVOLVIMENTO

3. Divida a turma em estações (grupos) para mediar a leitura de textos que vão auxiliar os estudantes a compreender melhor o tema e para que seja possível mediar o debate sobre as questões que foram discutidas no Ponto de partida. A partir do método rotação por estações (ver mais detalhes na [Caixa de Metodologias e Estratégias](#)), os grupos rodam em sala de aula entre as estações, e, em cada uma delas, terão acesso a um texto de apoio (ver trechos selecionados no Material do estudante: Etapa 4 – Situação 1 – Atividade 1), que deverá ser lido, analisado e sintetizado nas estações para, posteriormente, ser debatido com a mediação docente, em sala de aula.
 - **Estação 1:** [Como funciona uma agrofloresta na Amazônia | Letícia Klein | National Geographic](#).
 - **Estação 2:** [Agricultura familiar e alimentação saudável a alunos da rede pública tem 336 milhões do Fundo Amazônia | Agência BNDES de Notícias](#).
 - **Estação 3:** [Sistema agrícola tradicional do Rio Negro | IPHAN](#).
4. Os grupos deverão ler os textos indicados no Material do estudante e elaborar mapas conceituais sobre as ideias principais, levando em consideração os conhecimentos prévios levantados no Ponto de partida. Peça aos estudantes que a leitura dos textos siga o seguinte roteiro:



- Quais as ideias principais dos textos?
 - Quais os argumentos apresentados pelos autores?
 - Quais os resultados, as soluções e as considerações finais apresentados pelos textos?
5. Garanta que a estratégia de rotação por estações aconteça satisfatoriamente a partir de sua presença pedagógica, visitando as estações e os grupos constantemente. Oriente-os a deixar marcações nos materiais que sinalizem para o próximo time de onde começar a leitura, lembrando-os de anotar nos cadernos as informações coletadas a partir do roteiro de leitura. Considere acessar o texto [Na Amazônia, Pangs e produção agroecológica são contrapontos rentáveis ao agronegócio | Juliana Aguilera | Site Modifica](#). A fim de apoiar a mediação do debate, disponibilizamos um trecho do texto na seção Material do estudante: Etapa 4 - Situação 1. Os grupos usarão essas informações para a construção de um infográfico sobre as redes agroecológicas.



SISTEMATIZAÇÃO

6. Reúna os mapas conceituais elaborados pelas estações e peça que os estudantes selecionem as informações que deverão ser utilizadas no infográfico. Nesse momento, explique à turma que as estações deverão trabalhar em conjunto para a elaboração do trabalho final (infográfico), compartilhando os textos e as impressões que tiveram com as leituras. É interessante retomar, também, o quadro colaborativo do Ponto de partida, para que os estudantes percebam os pontos que aprofundaram no tema.
7. A partir da sua mediação, os estudantes deverão selecionar as informações dos mapas conceituais e as imagens que dialoguem ou representem o tema estudado, que deverão entrar no infográfico, com o objetivo de ilustrar de maneira visual e escrita as ações do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), do Fundo Amazônia e a importância das redes agroecológicas na região. Para isso, defina com a turma:
- O formato do infográfico.
 - Quais informações terão destaque.
 - Quais informações complementarão os dados de destaque.
8. Com a finalização do trabalho, os estudantes poderão ser orientados a expor o infográfico em sala de aula ou em outro espaço da escola e, ainda, a utilizá-lo como material de consulta e de estudo e informação sobre o tema, sempre que necessário. Caso o material tenha formato digital, incentive o compartilhamento em redes sociais, tanto dos estudantes quanto da própria escola, abrangendo, assim, um público maior para a divulgação do conteúdo.

De olho nas estratégias

Os infográficos são formatos visualmente convidativos para organizar informações quantitativas e qualitativas numa mesma peça gráfica. Para apoiar os estudantes nessa construção, acesse o guia de design [Como fazer um infográfico em 5 passos | Venngage](#). Lembre-se de que os infográficos não precisam, necessariamente, ser em formato digital, eles podem ser representados com colagens, cartazes e outras artes que os estudantes queiram compor.



Eixos curriculares estruturantes em ação

Os eixos *Método, conhecimento e ciência* e o de *Mundo do trabalho e transformação social* são mobilizados nesse módulo. A elaboração de um infográfico a partir de diversas fontes traz a possibilidade de os estudantes analisarem os processos relacionados ao desmatamento, à produção agropecuária e aos desafios relacionados à produção agrícola sustentável que dão conta de abastecer o mercado interno satisfatoriamente. Além disso, os estudantes têm a possibilidade de articular os conhecimentos e os recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na elaboração de material de divulgação de boas práticas agrícolas na região, tendo em vista os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania e da democracia.

Avaliação em processo

A avaliação das etapas do módulo se dará de forma processual a partir das produções vinculadas ao infográfico: considerando o infográfico um instrumento sintético de informação e articulação de conceitos e palavras-chave, os estudantes poderão ser avaliados a respeito dessas habilidades. Ao longo do processo, produtos que expressem precisão de conceitos (agroecologia, Amazônia Legal, fronteira agrícola) e capacidade de articular ideias e processos (ocupação, colonização, desmatamentos e conservação da floresta etc.) poderão ser levados em consideração. Com a comunicação dos resultados, algumas rubricas poderão ser criadas, para a autoavaliação dos infográficos pelos próprios estudantes. Para saber mais sobre a construção e o uso de rubricas avaliativas, sugerimos o texto [Aprenda a usar a avaliação por rubricas com as suas turmas | Unisinos](#).



MATERIAL DO ESTUDANTE

ETAPA 1 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 3

Tudo é gente, Denilson Baniwa

Dizem meus avós, que antigamente
Antes de mim, você ou qualquer outro homo sapiens dominar o planeta
Tudo era gente: floresta, humanos e não humanos eram gente.
Havia a gente-onça, gente-papagaio, gente-árvore, gente-pedra; e a gente-gente
Todos inclusive, falávamos a mesma língua. Nos entendíamos.
O tempo também era outro, não havia relógios nem despertadores
O trabalho não era uma função acumuladora, mas de coletividade
Mas isto foi de um tempo que nem meus avós, nem nós vivemos
É do tempo antes do tempo
Hoje desconhecemos a língua dos pássaros e plantas
Das rochas, riachos e montanhas nem lembramos mais
Não nos entendemos nem com nossos vizinhos e moradores do mesmo planeta

Sei bem que aquele tempo, não podemos ter de volta
Mas podemos hoje, aprender a comunicação perdida
Quando começamos a pensar que existe um meio ambiente
Diferente de nós, humanos
Nestes tempos, enquanto não existe uma máquina do tempo
Que nos joguem de volta ao tempos do mundo-ancestral
Podemos voltar a entender que somos parte do planeta e não dominantes dele

A arte, indígena ou não pode servir como um mecanismo metafísico de tradução
Traduções das vozes da floresta, das pedras, da água e de todos os seres vivos
A arte indígena, pode ser aliada no entendimento de mundos
Pois ela mesmo, transita entre o ancestral e a plasticidade do mundo moderno

Artistas indígenas podem ser arte-xamãs que compartilham
Conhecimentos trazidos de todas as vozes
Inclusive daqueles que nem lembramos mais que existem

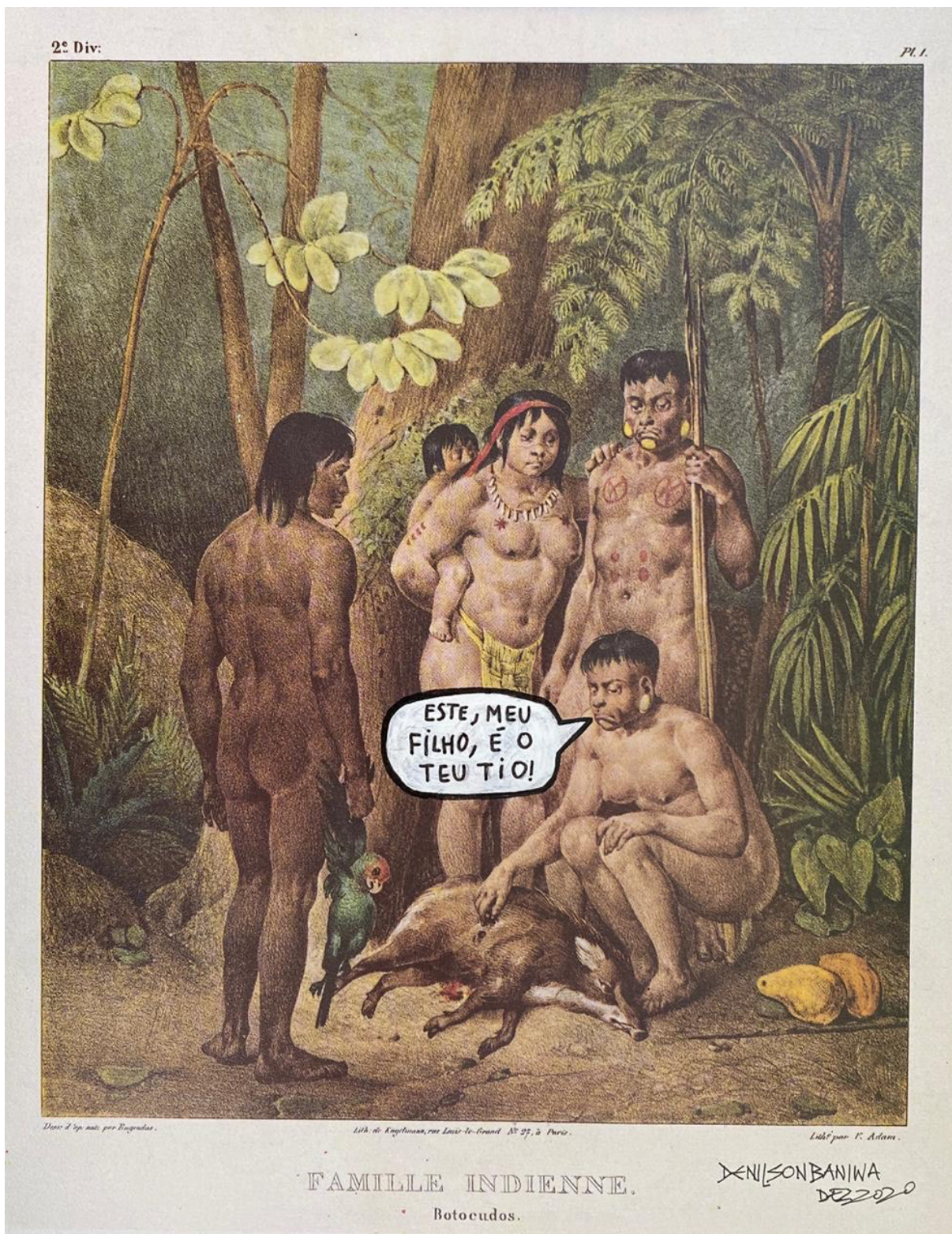
A arte é o que nos une
É a conexão entre o mundo ancestral e o mundo que queremos a partir de agora

Fonte: BANIWA, Denilson. **Tudo é gente**. Prêmio Pipa, 2020. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>. Acesso em: 12 dez. 2025.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA PARA ALÉM DOS RIOS E FLORESTAS



Tudo é gente. Denilson Baniwa. Acrílica sobre impressão fotográfica, tamanho 32 x 24 cm, dez. 2020.



ETAPA 2 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 2

Estação 1: AS RODOVIAS NA AMAZÔNIA: UMA DISCUSSÃO GEOPOLÍTICA

A construção das rodovias nos territórios constitui uma ação que atende a uma diversidade de interesses, e, quando materializada, as vias são capazes de condicionar processos espaciais com diversas formas, funções, conteúdos e estruturas que passam a ser inseridos conforme a própria atuação de atores, como o Estado e as corporações, os quais são capazes de materializar grandes infraestruturas e mobilizar deslocamentos de informação, cargas, pessoas e capital.

Um dos objetivos atribuídos às rodovias é a possibilidade de propiciar a circulação entre os lugares, sendo que essa circulação é compreendida como uma integração física do próprio território, integração esta que, para o Estado, em um contexto de uma geopolítica clássica, consiste no domínio territorial.

(...) Nas décadas de 1960 e 1970, mais precisamente entre 1968 até 1977, o governo brasileiro destinou somas enormes de recursos para a construção de rodovias e para os projetos de ocupação como a colonização, projetos industriais e agropecuários que foram paulatinamente implantados ao longo dos eixos rodoviários como a Transamazônica, Porto Velho-Cuiabá e Cuiabá-Santarém, e tiveram uma fração territorial composta de 100 km de todas as margens das grandes rodovias em terras para uso federal, com o propósito de implantação de projetos de colonização, agropecuários e de mineração.

Os principais eixos construídos entre as décadas de 1960 e 1970, que atravessaram uma parte da Amazônia, tinham como objetivo a integração nacional e a segurança das fronteiras, no entanto, os eixos acabam tendo outros objetivos alcançados e que não se desdoam da geopolítica, mas incorporam-se dentro de uma geoeconomia.

Texto na íntegra disponível em: [As rodovias na Amazônia: uma discussão geopolítica](#) Thiago Oliveira Neto | Revista Franco-Brasileira de Geografia.



Estação 2:

RODOVIA BR-230: UMA LIGAÇÃO PRECÁRIA

Um dos maiores projetos de integração nacional, a rodovia Transamazônica foi construída com o propósito de permitir acesso aos recursos naturais e às terras que seriam ocupadas pelo deslocamento da frente pioneira, principalmente do Nordeste, visando reduzir as tensões no campo naquela região e não realizando a reforma agrária. Uma parte desse projeto não foi concluída, não tendo assistência aos colonos por parte do Estado nem sequer a pavimentação total da rodovia, o que ocasiona problemas graves para aqueles que precisam se deslocar, transportar a produção agrícola ou até mesmo ir à cidade.

A “espinha de peixe”, formada ao longo dessa rodovia, principalmente no estado do Pará, possui uma forma visível apenas em imagens espaciais obtidas por satélites, esta é composta por uma estrutura espacial formada pela rodovia federal no sentido Leste-Oeste. As rodovias e as estradas vicinais no sentido Norte-Sul formam um mosaico de áreas desmatadas e conservadas, sendo que essa forma espacial teve origem no próprio planejamento estatal durante o processo de construção da rodovia em 1970, com forte atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) com os projetos de colonização.

Texto na íntegra disponível em: [O processo de colonização e urbanização na Amazônia | Elaine Cristina Leão Carvalho | Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales.](#)

Estação 3:

RODOVIA BR-163: O NOVO E PRINCIPAL CORREDOR DE EXPORTAÇÃO DE COMMODITIES

Um dos projetos mais antigos de circulação no Brasil é a ligação entre o Centro-Oeste até a bacia Amazônica na cidade de Santarém, que data de 1844. Naquele momento, tal proposta era voltada para propiciar o escoamento da produção agrícola. Esse projeto teve sua materialização entre 1970 até outubro de 1976, com denominação de rodovia Cuiabá-Santarém, num percurso de 1.777 km. Houve a inserção de diversos projetos agrícolas e agropecuários, tendo a participação do Incra na porção setentrional da rodovia com os projetos de colonização e na porção meridional; no estado do Mato Grosso, a colonização foi comandada por empresas privadas.



Depois de três décadas com mais de 900 km sem pavimentação, o governo federal, desde a década de 1990, buscou viabilizar a conclusão dessa rodovia com o objetivo de reduzir custos logísticos para os produtores de grãos do norte do Mato Grosso. A pavimentação da rodovia passa a ter efetividade a partir de 2009, e só em 2014 passou a propiciar o direcionamento da produção de grãos para os portos de Santarém e de Itaituba – no rio Tapajós –, e no ano de 2018 a produção de grãos é destinada totalmente para Itaituba, que possui seis portos graneleiros capazes de movimentar mais de 16 milhões de toneladas de grãos e farelos, instituindo mudanças ao longo do eixo rodoviário e nos distritos e nas cidades com as novas dinâmicas de fluxos de mais de 1.000 carretas/caminhões que trafegam e chegam aos portos diariamente.

Texto na íntegra disponível em: [As rodovias na Amazônia: uma discussão geopolítica | Thiago Oliveira Neto | Revista Franco-Brasileira de Geografia.](#)

ETAPA 3 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 1

A CONTRADIÇÃO ENTRE RECORDES NO AGRONEGÓCIO E FOME NO BRASIL

Enquanto milhões passam fome, a exportação de alimentos decola. Além do foco do agronegócio na demanda global, o desmonte de políticas para a agricultura familiar contribui para a insegurança alimentar, apontam especialistas.

Após ter deixado o mapa da fome da ONU em 2014, o Brasil tem convivido com um cenário de crescente insegurança alimentar. Nos últimos meses do ano passado, 19 milhões de brasileiros passaram fome, e mais da metade dos domicílios no país enfrentou algum grau de insegurança alimentar. Os dados são de um estudo nacional realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan).

O problema tem diversas justificativas, como a inflação que afeta gêneros alimentícios básicos desde o ano passado, o alto índice de desemprego no país e a defasagem do Bolsa Família. Chama a atenção, entretanto, que o crescimento da fome no Brasil coincide com um pico na exportação de gêneros alimentícios.



Em junho, o agronegócio bateu mais um recorde ao faturar 12,11 bilhões de dólares com a venda de produtos agropecuários para o exterior. A cifra é 25% maior que os 9,69 bilhões de dólares registrados no mesmo mês do ano passado. A marca recorde também fora superada nos meses de abril e maio. (...) Dentre as várias dificuldades enfrentadas pelos produtores rurais, uma das mais estruturais e antigas é o acesso à terra. Sem nunca ter passado por uma reforma agrária, o Brasil tem 45% de sua superfície agrícola concentrada em 1% dos estabelecimentos rurais, de acordo com a organização internacional Oxfam.

Especialistas veem um risco acentuado de aumento da concentração de terras com a tramitação do PL 2.633, aprovado na Câmara dos Deputados, conhecido como “PL da Grilagem” por ambientalistas. Entre outros pontos, a proposta permite que médias propriedades consigam a posse de terra sem vistoria presencial.

As mudanças são criticadas pelo geógrafo Ricardo Gilson, professor da Unir, que enxerga um desvio de finalidade na atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) nesse processo. (...) “No âmbito do Ministério da Agricultura, comandado pelo agronegócio, o Incra apoia o PL da Grilagem, que o enfraquece, e se resume a uma instituição cartorial para legitimar e ampliar a grilagem. Há um esvaziamento total de suas finalidades e a perda da perspectiva de reforma agrária e função social da terra”, afirma.

Texto adaptado de [A contradição entre recordes no agronegócio e fome no Brasil | João Pedro Soares | Deutsche Welle Brasil](#).

ETAPA 3 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 2

SINOP (MT)

A implantação do eixo rodoviário da BR-163 possibilitou a constituição de diversos assentamentos urbanos e rurais baseados em atividades extrativistas e agrícolas, destacando-se o projeto de ocupação executado pela empresa Colonizadora Sinop S/A (Sigla para Sociedade Imobiliária no Noroeste do Paraná), com a criação de núcleos urbanos, dentre eles a cidade Sinop, fundada no ano de 1972. A partir criação do Pro-



grama de Integração Nacional (PIN), em 1970, destinou-se um conjunto de incentivos fiscais e financeiros para a microrregião na qual ele se localiza, a partir da atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco). O PIN fazia parte da estratégia geopolítica dos governos militares de desconcentração da atividade econômica, ocupação dos “vazios” territoriais, distensionamento das pressões sociais e demográficas e de abrir novas fronteiras de acumulação capitalista no país. Com a inauguração da BR-163 (trecho Cuiabá-Santarém) em Sinop, no ano de 1986, constituiu-se a infraestrutura necessária que articulou o norte do Mato Grosso aos mercados nacional e internacional. Reforçou-se, com a rodovia, a base econômica regional fortemente assentada na exploração dos recursos naturais.

O crescimento da cidade se deu, inicialmente, a partir do extrativismo madeireiro e, posteriormente, com a produção de arroz, café, milho e da pecuária, caracterizando-se pelo agronegócio direcionado majoritariamente para o mercado externo. A atração populacional e o desenvolvimento dessas atividades econômicas promovidas pela BR-163 possibilitaram uma diversificação terciária, que reforçou a centralidade do município na rede urbana norte mato-grossense. Embora mais distante da capital, Cuiabá, Sinop tornou-se mais populosa do que outras cidades também localizadas à margem da BR-163. Importante destacar que Sinop é uma área de transição entre dois biomas (Cerrado e Amazônia), sendo a porta do norte mato-grossense para a floresta amazônica e se beneficiaria da expansão da agricultura no Centro-Oeste brasileiro, por localizar-se em área de fronteira.

Com o incentivo do governo e a ocupação de seus biomas para a monocultura, ao longo dos últimos 50 anos, a cidade tornou-se o epicentro nacional da produção de soja. Sinop abriga 150.000 hectares de lavoura, segundo dados do IBGE de 2020. O município se consolidou como um importante centro de abastecimento de produtos, serviços e postos de trabalho da região. Além do agronegócio, Sinop também recebe grande investimento imobiliário, destinado a atender a um público de elite que tem ocupado os novos bairros, criado a partir da autorização da prefeitura local, em 2013. A cidade também conta com serviços especializados na área de saúde e educação, com a presença da Universidade do Estado de Mato Grosso e da Universidade Federal de Mato Grosso.

Texto adaptado de: ALVES, Pollyana Aparecida Simão da Silva. Gênese e desenvolvimento da cidade de Sinop e a relação com as atividades econômicas. **Revista Equador**, Piauí, v. 9, n. 1, p. 230-245, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/9407>. Acesso em: 27 out. 2025.



MEDICILÂNDIA (PA)

Medicilândia nasceu a partir da iniciativa do governo brasileiro de implantar, durante os anos 1970, o urbanismo rural ao longo da rodovia Transamazônica. No trecho da rodovia Transamazônica, localizado entre Altamira e Itaituba, deveriam ser construídas agrovilas. Tais casas eram destinadas aos colonos assentados no local, os quais recebiam, também, lotes rurais, onde desenvolveriam suas atividades econômicas. Cada agrovila deveria contar com os serviços de uma escola de primeiro grau, uma igreja ecumênica, um posto médico e, em alguns casos, um armazém para produtos agrícolas. A proposta baseava-se na experiência acumulada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e por setores correlatos do Ministério da Agricultura. (...) Prospecções realizadas pelo governo federal da época revelaram que o solo daquela área era rico em terra roxa; em decorrência disso, o traçado da rodovia Transamazônica foi definido de modo a aproveitar ao máximo a ocorrência desse solo. Os lotes rurais estavam comprometidos com a produção de cana-de-açúcar em sua área de influência, mas o projeto não resistiu aos problemas administrativos e às limitações produtivas, fechando em 2000, após atravessar uma crise em 1983 e outra em 1985.

A rodovia passou a ser a avenida principal da cidade, definindo a expansão urbana ao longo do seu eixo, local de concentração do comércio, da igreja e dos equipamentos públicos. A rodovia atrai para as suas margens os usos comerciais mais especializados, as feiras de produtores e os serviços (hotéis, bancos, restaurantes) voltados para o atendimento dos viajantes e da comunidade do entorno da cidade. A população carece de praças e de espaços de convívio, e os benefícios da vida urbana ainda são muito limitados, principalmente no que diz respeito ao acesso à infraestrutura.

Medicilândia é o maior produtor isolado de cacau do Brasil e o de maior produtividade do mundo. De acordo com dados da Secretaria da Agricultura (Sagri), o Pará produz cerca de 40 toneladas de sementes de cacau/ano; e Medicilândia sozinha responde por 16 mil toneladas/ano. A maior parte da produção de cacau de Medicilândia é vendida *in natura* para a Bahia, o grande mercado comprador do Brasil. (...) Em Medicilândia, a atividade agrícola em torno do cacau é desenvolvida por pequenos e médios produtores, e surge na região a produção do cacau orgânico. A região também se caracteriza pela pecuária leiteira e a produção de grãos, hortaliças, frutos e pequenos animais, dentro do programa de segurança alimentar destinada à população de baixa renda, e a comercialização do excedente. Pequenos produtores já beneficiam o cacau em forma de outros produtos industrializados comercializados na própria região.



Além da posição de destaque de Medicilândia na produção nacional de cacau, a cidade é o terceiro município mais populoso da região de Altamira, mas ainda é considerado um local de baixa influência para os municípios vizinhos.

Texto adaptado de [A influência do governo federal sobre cidades na Amazônia: os casos de Marabá e Medicilândia | Ana Claudia Duarte Cardoso e José Júlio Ferreira Lima | Novos Cadernos NAEA.](#)

ETAPA 4 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 1

ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES

- Leia atentamente os textos e identifique de que forma essas práticas agrícolas se relacionam com o meio ambiente.

Estação 1: COMO FUNCIONA UMA AGROFLORESTA NA AMAZÔNIA

Após anos de ausência, os animais selvagens, especialmente as aves, retornaram. O solo melhorou por causa do alto teor de matéria orgânica, e as plantas nativas cresceram mais rápido. “Nós vimos muitas coisas boas, tanto para nossa família quanto para o ambiente. Todo mundo ganha, porque os dois se ajudam”, relata Marliane Soares sobre os benefícios da agrofloresta em sua propriedade, na cidade de Juruti, no sudoeste do Pará. Adepta do uso de corte e da queima de capoeira para a produção de mandioca, a família Soares adotou um novo projeto: a implantação de um sistema agroflorestal (SAF), que combina árvores nativas e cultivos agrícolas como forma permanente de produção econômica e redução de impactos para a floresta. (...) As agroflorestas foram introduzidas na Amazônia na década de 1970 por imigrantes japoneses, que haviam se instalado nos estados do Pará e do Amazonas 40 anos antes.

A história começa com o fungo *Fusarium solani f. sp. piperis*, que devastou os monocultivos de pimenta-do-reino, uma das principais culturas agrícolas mantidas pelos japoneses no Brasil. Identificado pela primeira vez em 1957, o fungo se espalhou durante os anos seguintes e devastou grandes plantações de pimenta. “Por causa desse problema, os japoneses sentiram a necessidade de diversificar a produção, muito inspirados nos



seus quintais e na própria mata”, conta Osvaldo Kato, pesquisador da Embrapa especializado em sistemas agroflorestais, nascido na paraense Tomé-Açu, o primeiro município a receber os imigrantes japoneses no início do século 20.

Com o passar dos anos, a modalidade baseada na diversidade de cultivos agrícolas se provou mais segura, tanto para a economia quanto para a alimentação das famílias. O sistema foi ganhando corpo, fama e crescendo em número, apesar de ainda serem incipientes frente ao método tradicional de cultivo, que se baseia na monocultura e no uso de pesticidas e agrotóxicos. As pesquisas científicas da Embrapa começaram ainda nos anos 1970, mas até hoje nenhuma conseguiu quantificar as unidades de SAF na Amazônia.

“A gente sempre acreditou nos sistemas agroflorestais. Tem pessoas que acham que não é rentável, mas a Embrapa tem análises que provam a viabilidade econômica. Em conversas com produtores da região, a gente sempre ficava na expectativa de que o SAF ia crescer, mas não nessa velocidade a que chegou hoje. Por causa das crises ambiental e climática, estamos tendo uma oportunidade muito grande de avanço desse sistema”, afirma Kato.

Texto adaptado de [Como funciona uma agrofloresta na Amazônia | Letícia Klein | National Geographic](#).

Estação 2: AGRICULTURA FAMILIAR E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL A ALUNOS DA REDE PÚBLICA TEM R\$ 336 MI DO FUNDO AMAZÔNIA

Uma iniciativa do Fundo Amazônia integra a produção de agricultores familiares – incluindo quilombolas, assentados e grupos de mulheres, povos indígenas e demais povos e comunidades tradicionais – e o consumo dessa produção pelas escolas da rede pública. Serão selecionados 10 projetos que atuem no fortalecimento da capacidade de produção, aquisição e consumo de alimentos sustentáveis e da sociobiodiversidade. O edital público vai abranger todos os nove estados da Amazônia Legal e prevê até R\$ 336 milhões do Fundo Amazônia para promover a agricultura de base sustentável e a alimentação escolar saudável.

“Essa abordagem, de apoio à demanda e à oferta de forma integrada, é inovadora e abre caminho para o desenvolvimento de modelos que podem ser disseminados pela Amazônia Legal e pelo país”, avalia a diretora Socioambiental do BNDES, Tereza Campello. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é o gestor do Fundo Amazônia. A seleção faz parte da iniciativa “Amazônia na Escola: Comida Saudável e Sustentável”,



resultado de uma parceria entre o BNDES, gestor do Fundo Amazônia; o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação; e os ministérios do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). As instituições assinarão acordo de cooperação técnica, prevendo ações para implementação da chamada.

A chamada pública apoiará com no mínimo R\$ 10 milhões cada selecionado e tem previsão de alcançar 56 municípios, marcando nova fase do Fundo, voltada a projetos estruturantes, de maior escala e impacto. Para a diretora do BNDES, a consolidação de cadeias produtivas sustentáveis e justas é fundamental para um novo modelo de desenvolvimento, baseado na bioeconomia como alternativa às atividades indutoras do desmatamento.

“A chamada tem o mérito de dar soluções a vários desafios conhecidos da região, conciliando geração de emprego e renda, justiça social, conservação ambiental, estímulo à economia local a partir de atividades produtivas sustentáveis e aumento da segurança alimentar de crianças e jovens”, explica. Podem participar da seleção fundações de direito privado, associações civis e cooperativas (Agência BNDES de Notícias, 2023).

Fonte: [Agricultura familiar e alimentação saudável a alunos da rede pública tem R\\$ 336 mi do Fundo Amazônia | Agência BNDES de Notícias.](#)

Estação 3: SISTEMA AGRÍCOLA TRADICIONAL DO RIO NEGRO

O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro (SAT-Rio Negro) é entendido como um conjunto estruturado, formado por elementos interdependentes: as plantas cultivadas, os espaços, as redes sociais, a cultura material, os sistemas alimentares, os saberes, as normas e os direitos. Sua inscrição no Livro de Registro dos Saberes foi realizada em 2010. As especificidades do Sistema são as riquezas dos saberes, a diversidade das plantas, as redes de circulação, a autonomia das famílias, além da sustentabilidade do modo de produzir, que garante a conservação da floresta. Esse bem cultural está ancorado no cultivo da mandioca-brava (*Manihot esculenta*) e apresenta, como base social, os mais de 22 povos indígenas, representantes das famílias linguísticas Tukano Oriental, Aruak e Maku (não identificadas), localizados ao longo do rio Negro, em um território que abrange os municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, até a fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. A bacia do Rio Negro é formada por um mosaico de paisagens naturais que abrange a floresta de terra firme, a campina, a vegetação de igapó e o chavascal, com uma diversidade que repercute na vida da



população, especialmente nas atividades de caça, pesca, agricultura e na coleta de materiais para a fabricação de artefatos e de malocas.

Os povos indígenas que habitam a região noroeste do Amazonas – ao longo da calha do rio Negro e das bacias hidrográficas tributárias – detêm o conhecimento sobre o manejo florestal e os locais apropriados para cultivar, coletar, pescar e caçar, formando um conjunto de saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano. O sistema acontece em um contexto multiétnico e multilinguístico em que os grupos indígenas compartilham formas de transmissão e circulação de saberes, práticas, serviços ambientais e produtos. É possível identificá-lo, uma vez que ele é elaborado, constantemente, pelas pessoas que o vivenciam.

Fonte: [Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro | IPHAN](#).

ETAPA 4 - Situação de aprendizagem 1

NA AMAZÔNIA, PANCS E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA SÃO CONTRA-PONTOS RENTÁVEIS AO AGRONEGÓCIO

(...) Inspirada na campanha “Fique em casa”, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), em parceria com a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Amazonas (Fetagri-AM) e a Secretaria de Estado da Produção Rural (Sepror), criou a campanha nacional “Fica na roça”. Segundo Edjane Rodrigues, presidente da Fetagri e coordenadora da Contag pela região Norte, essa ação é fundamental para que os produtores se previnam contra a covid-19 e continuem suas produções. “Eles começaram a trabalhar de forma prevenida, e, quando a produção cresceu, nós nos reunimos com a Secretaria de Produção para comprar esses produtos e doar para as pessoas que estavam na cidade”, explica. Edjane afirma que esse movimento tem colaborado para que muitas famílias não passem fome dentro do estado. “Se não fosse os agricultores ‘ficarem na roça’ na pandemia, o estado e muitos municípios estariam em uma calamidade pública ainda maior”, aponta. “Já temos um percentual de 40 milhões de famílias que estão na linha da pobreza [no Brasil]. Esse valor teria aumentado sem a campanha.”

(...) As lideranças também ocupam cadeiras em conselhos municipais e no Programa



Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que leva alimentos orgânicos e sem agrotóxicos para a merenda escolar. Por conta de uma normativa estabelecida em 2017, o governo também se compromete a comprar produtos tradicionais, como a farinha e a tapioca. “Estamos nesses conselhos para provocar o governo a comprar também a castanha, o açaí, que são produtos extrativistas que os povos indígenas e ribeirinhos colhem”, explica. (...) Apesar disso, a produtora afirma que a região possui muita riqueza e possibilidades, e explica como as atividades são feitas em grupo: a Apoam é a primeira associação a compor a Rede Maniva de Agroecologia – cadeia que reúne diversas associações agroecológicas e organizações do terceiro setor na região. Os grupos respeitam calendários, um dentro da associação e outro da Rede Maniva, na qual visitas de pares são feitas aos sítios e é verificada a atividade do produtor, quando algo precisa ser corrigido. É um momento de trocas de experiências. Essa troca coletiva não é por acaso. Hoje, cada vez mais, a agricultura agroecológica só floresce no campo quando feita por um grupo. A coordenadora técnica do Idesam em Apuí e membro da Rede Maniva, Marina Yasbek, explica o porquê: “Cada vez mais as oportunidades que saem na nossa legislação são para associações, grupos informais e cooperativas. Por isso, nós, da Rede Maniva, encaramos a certificação participativa como uma ferramenta de desenvolvimento rural”.

A ferramenta, que foi emplacada em 2018 pela rede – e foi o primeiro sistema participativo de garantia da região Norte –, permite que agricultores familiares da localidade consigam certificar o Café Apuí Agroecológico e, com isso, acessar os programas de merenda municipal, o Pnae e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Nessa modalidade, os itens orgânicos são remunerados até 30% a mais. (...) Segundo a coordenadora, a certificação participativa surge para fortalecer quem sempre produziu comida de verdade e sem veneno e quem está nos territórios fazendo a defesa desses modelos de produção por meio dos seus modos de vida tradicionais, defendendo a floresta em pé. Ela salienta, ainda, que o selo participativo é uma ferramenta múltipla: não só coloca as famílias tradicionais no mercado como também aglutina socialmente e faz com que um grupo se estruture, se formalize, e com isso atinja outras políticas públicas. “O selo orgânico não é a cereja do bolo, e sim o meio dele”, ressalta.

Texto adaptado de [Na Amazônia, Pnacs e produção agroecológica são contrapontos rentáveis ao agronegócio](#) | [Juliana Aguilera](#) | [Site Modifica](#).



REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BNDES DE NOTÍCIAS. Agricultura familiar e alimentação saudável a alunos da rede pública tem R\$ 336 mi do Fundo Amazônia. Brasília: **Agência BNDES de Notícias**, 12 dez. 2023. Atualizado em 20 dez. 2023. Disponível em: [https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/agro/Agricultura-familiar-e-alimentacao-saudavel-a-alunos-da-rede-publica-tem-R\\$-336-mi-do-Fundo-Amazonia/](https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/agro/Agricultura-familiar-e-alimentacao-saudavel-a-alunos-da-rede-publica-tem-R$-336-mi-do-Fundo-Amazonia/). Acesso em: 12 nov. 2025.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Nova lei denomina o 19 de abril como Dia dos Povos Indígenas. **Portal da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 11 jul. 2022. Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/896465-nova-lei-denomina-o-19-de-abril-como-dia-dos-povos-indigenas-em-substituicao-a-dia-do-indio/>. Acesso em: 27 out. 2025.

AGUILERA, Juliana. **Na Amazônia, Pans e produção agroecológica são contrapontos rentáveis ao agronegócio**. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/pans-agroecologia-amazonia/>. Acesso em: 27 out. 2025.

ALVES, Pollyana Aparecida Simão da Silva. Gênese e desenvolvimento da cidade de Sinop e a relação com as atividades econômicas. **Revista Equador**, Piauí, v. 9, n. 1, p. 230-245, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/9407>. Acesso em: 27 out. 2025.

ANTONIO Bispo - Falando sobre Quilombolas. [S. l.]: Acarte Limeira, 28 set. 2015. 1 vídeo (19 min 31 seg). Publicado pelo canal Acarte Limeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJZWP-FUpJU&t=1007s>. Acesso em: 27 out. 2025.

ANTUNES, André. Contra a fome, a agroecologia. **Fiocruz** – EPSJV, Rio de Janeiro, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/contra-a-fome-a-agroecologia>. Acesso em: 18 nov. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO. **Informativo Abag**, São Paulo, n. 85, ano 11, mar-abr/2013. Disponível em: <https://abag.com.br/wp-content/uploads/2020/08/informativo-abag-85.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

BLOG DO EAD. **Aprenda a usar a avaliação por rubricas com as suas turmas**. [S. l.: s.n.], 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.blogdoead.com.br/tag/mercado-de-trabalho/avaliacao-por-rubricas>. Acesso em: 27 out. 2025.



ANDRADE, Leonardo Capeleto de. Da produção à distribuição: os paradoxos da segurança alimentar na Amazônia: os contextos e a oportunidade para as Tecnologias Sociais. **Portal Aupa**, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://aupa.com.br/da-producao-a-distribui-cao-os-paradoxos-da-seguranca-alimentar-na-amazonia/>. Acesso em: 27 out. 2025.

BANIWA, Denilson. Tudo é gente. Prêmio PIPA, 2020. Disponível em: <https://www.pre-miopipa.com/denilson-baniwa/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

BARRETO, P.; PEREIRA, R.; ARIMA, E. 2008. **A pecuária e o desmatamento na Amazônia na Era das Mudanças Climáticas**. Belém: Imazon. Disponível em: <https://imazon.org.br/livros/a-pecuaria-e-o-desmatamento-na-amazonia-na-era-das-mudancas-climaticas>. Acesso em: 27 out. 2025.

BETIM, Felipe. Podcast explica a ocupação da Amazônia e como Sinop se tornou capital da soja. **Olhar Agro & Negócios** [podcast]. [S. l.]: Agro Olhar, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.agroolhar.com.br/noticias/exibir.asp?id=28472¬icia=podcast-explica-ocupacao-da-amazonia-e-como-sinop-se-tornou-capital-da-soja&edicao=2>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. Ministério dos Transportes. **Relatório de Impacto Ambiental Pavimentação BR-163 - BR-230**. Brasília, out. 2022. Disponível em: http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/BR-163/Documentos%20Oficiais/BR-163%20EIA%20RIMA/Volume%208%20-%20Rima/RIMA%20-%20FINAL.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

CAMINHA, Pero Vaz de; HUE, Sheila. **Carta do achamento do Brasil**. Edição comentada. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. A influência do governo federal sobre cidades na Amazônia: os casos de Marabá e Medicilândia. **Novo Cadernos (NAEA)**, v. 12, n.1, p.161-192, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/285/520#>. Acesso em: 27 out. 2025.

CARVALHO, Elaine Cristina Leão. O processo de colonização e urbanização na Amazônia. **Eumed.net**. [S. l.], jan-mar. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cc-css/2017/01/colonizacion.html>. Acesso em: 27 out. 2025.



CONSENTINI, Giovanna. Eles venciam matas, pedra e água. **Uniamazônia**, [S. l.], 7 mar. 2019. Disponível em: <https://www.uniamazonia.co/2019/03/07/quilombolas-da-amazonia/>. Acesso em: 27 out. 2025.

COSTA, Francisco de Assis, et al. **Bioeconomia da sociobiodiversidade no estado do Pará**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: https://www.tnc.org.br/content/dam/tnc/nature/en/documents/brasil/projeto_amazonia_bioeconomia.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

COUTINHO, Sidney Rodrigues. Terras indígenas e quilombos conservam e recuperam áreas devastadas da Amazônia. **Conexão UFRJ**, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/03/terras-indigenas-e-quilombos-conservam-e-recuperam-areas-devastadas-da-amazonia/>. Acesso em: 27 out. 2025.

EU SOU Alimento – Dos Quilombos para o Mundo. [S. l.]: Google Brasil, 11 jul. 2017. 1 vídeo (4 min 52 seg). Publicado pelo canal Google Brasil. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=OYUXiR6qw-Q&si=EnSikaIECMiOmarE>. Acesso em: 27 out. 2025.

RÁDIO NOVELO. [Episódio 04] Amazônia sitiada. Tempo Quente [podcast-vídeo]. [S. l.]: **Rádio Novelo**, 28 jun. 2022. 1 vídeo (57 min 16 s). Publicado pelo canal Rádio Novelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cKOO6wCzP6s>. Acesso em: 27 out. 2025.

FARIAS, Elaíze. Índios e quilombolas da Amazônia contam suas histórias no novo Google Earth. **Amazônia Real**, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/indios-e-quilombolas-da-amazonia-contam-suas-historias-no-novo-google-earth/>. Acesso em: 27 out. 2025.

FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, out. 2008, v. 14, p. 329-366, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/tNkp-IsQPtdrQbRhbztxkD3P/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2025.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOOGLE EARTH. Quilombos na Amazônia. [Escala variada]. **Mountain View**: Google, 2025. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-1.29872036,-56.43821008,44.10411456a,-200000d,35y,0.003h,46.47299781t,0r/data=Cj4SPBIgOWU1NjFkN2QzNWE4MTFIN2I-1ZjVINzNkMGU2YTRmZDkiGGVmZWVkX3F1aWxvbWJvbGFzX3RvdXJfNQ?hl=pt-BR>. Acesso em: 27 out. 2025.



IMAZON. **Estradas cortam ou se aproximam de 41% da área de floresta na Amazônia, mostra mapeamento inédito.** Pará, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/estradas-cortam-ou-se-aproximam-de-41-da-area-de-floresta-na-amazonia-mostra-mapeamento-inedito/>. Acesso em: 27 out. 2025.

IPHAN. **Sistema agrícola tradicional do Rio Negro.** Amazonas, 5 nov. 2010. Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/sistema-agricola-tradicional-do-rio-negro-am/>. Acesso em: 27 out. 2025.

KLEIN, Letícia. **Como funciona uma agrofloresta na Amazônia.** Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/amazonia/infografico-como-funciona-agrofloresta>. Acesso em: 27 out. 2025.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami.** São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.

LEMAD-FFLCH/USP. **História Indígena.** LEMAD-FFLCH/USP, [s.d.]. Disponível em: https://lemad.ffiich.usp.br/sites/lemad.ffiich.usp.br/files/lemad-dh-usp_hist%C3%B3ria_ind%C3%A9gena.pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

MACEDO, F. C.; RAMOS, P. A História de um Município Projetado (Sinop/MT): Qual é o seu futuro? **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 19, p. 276-288, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.ie.unicamp.br/documento/a-historia-de-um-municipio-projetado-sinop-mt-qual-e-o-seu-futuro/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MUSEU DE ARTE DO RIO. Paula Sampaio é a artista de hoje. A obra “Transamazônica” poderá ser contemplada na exposição “Feito poeira ao vento | Fotografia na Coleção MAR”, em cartaz a partir de 19/8. *In*: FACEBOOK. Rio de Janeiro, 9 ago. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/museudeartedorio/posts/1453418748071051/?locale=pt_BR&rdc=1&rdr. Acesso em: 27 out. 2025.



NEDIGER, Midori. Como fazer um infográfico em 5 passos. **Venngage**. [S. l.], 19 set. 2023. Disponível em: <https://pt.venngage.com/blog/como-fazer-um-infografico/>. Acesso em: 27 out. 2025.

NETO, Thiago Oliveira. As rodovias na Amazônia: uma discussão geopolítica. **Journals Open Edition**, França [s.d.]. doi:<https://doi.org/10.4000/confins.21176>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/21176#text>. Acesso em: 27 out. 2025.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NOSSO ENSINO MÉDIO. O lugar da Avaliação. [s.d.]. **Nosso Ensino Médio**, 2025. Disponível em: <https://nossoensinomedio.org.br/componentes/o-lugar-da-avaliacao/>. Acesso em: 27 de out. de 2025.

PERES, João; MERLINO, Tatiana. Fome na abundância – PIB per capita elevado contrasta com pobreza em ricas regiões do agronegócio em Mato Grosso. **TAB UOL**, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/educacao/campeoes-da-soja/#cover>. Acesso em: 27 out. 2025.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. Estradas já impactam 41% da floresta amazônica, revela estudo do Imazon. **O Eco**, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/estradas-ja-impactam-41-da-floresta-amazonica-revela-estudo-do-imazon/>. Acesso em: 27 out. 2025.

QUILOMBOLAS da Amazônia lutam para manter a herança africana em meio à floresta. [S. l.]: Mongabay Brasil, 2 maio 2022. 1 vídeo (5 min 55 seg). Publicado pelo canal Mongabay Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_H1zog1tY. Acesso em: 27 out. 2025.

RODRIGUES, Sidney. Terras indígenas e quilombos conservam e recuperam áreas devastadas da Amazônia. **Portal Conexão UFRJ**, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/03/terras-indigenas-e-quilombos-conservam-e-recuperam-areas-devastadas-da-amazonia/>. Acesso em: 27 out. 2025.

SANTOS, Emily. Índio ou indígena? Entenda a diferença entre os dois termos. **Portal G1**, São Paulo, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/04/19/indio-ou-indigena-entenda-a-diferenca-entre-os-dois-terminos.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2025.



SESC. **Arqueólogo da Floresta | Encontros com Eduardo Góes Neves**. 2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/arqueologo-da-floresta-encontros-com-eduardo-goes-neves/>. Acesso em: 27 out. 2025.

SILVA, Ricardo Gilson da Costa. et al. Nova fronteira de expansão e áreas protegidas no estado do Amazonas. **Scielo**, [S. l.: s.d.]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/WmJQXFBr4PcCYxMTYxmVDpw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2025.

SOARES, João Pedro. A contradição entre recordes no agronegócio e fome no Brasil. **Deutsche Welle**, [S. l.], 12 ago. 2021 Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-contradi%C3%A7%C3%A3o-entre-recordes-no-agroneg%C3%B3cio-e-fome-no-brasil/a-58779493>. Acesso em: 27 out. 2025.

TORRES, Mauricio; BRANFORD, Sue. Sinop, onde a Amazônia virou asfalto e soja. **Outras Palavras**. Sinop, 15 fev. 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/sinop-onde-a-amazonia-virou-asfalto-e-soja/>. Acesso em: 27 out. 2025.

VASCONCELOS, Andressa Julia Santos, et al. Sistemas de cultivo, comercialização e entradas no Município de Medicilândia, Pará. **Revista Cadernos de Agroecologia**, Belém, v. 10 n. 3 (2015): Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia. Disponível em: <https://www.aba-agroecologia.org.br/revista/cad/article/view/19389>. Acesso em: 27 out. 2025.





itinerariosamazonicos.org.br

